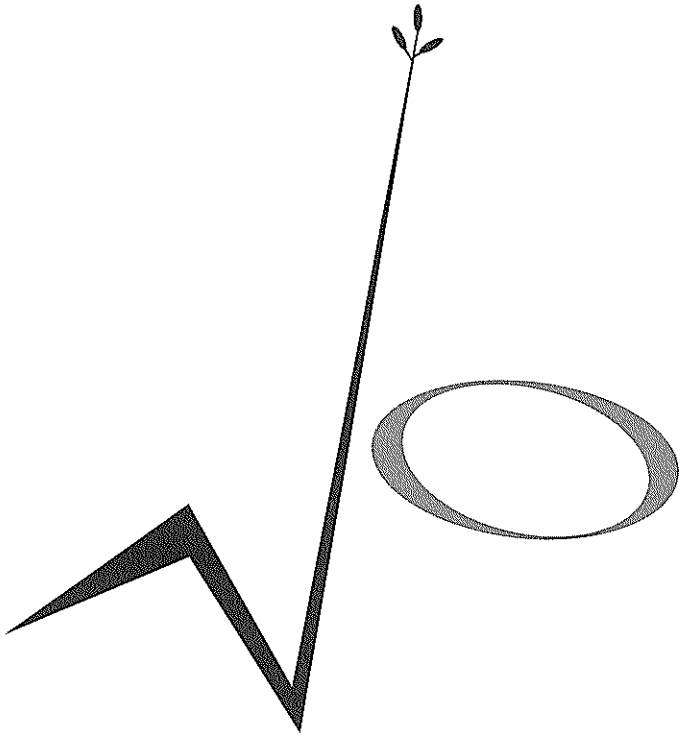


OS PADRES NOVOS



NOVELLAE OLIVARUM



NOVELLAE OLIVARUM

FICHA TÉCNICA

COORDENAÇÃO
Cón. João Marcos (Director)
Diác. Carlos Silva (Sub-director)
António Estêvão
Carlos Pinto
Diác. Filipe Sousa
Marcelo Boita
Nuno Fernandes
Diác. Rui de Jesus
Rui Fernandes

NOVELLAE OLIVARUM
Revista do Seminário dos Olivais
Propriedade da Associação Monsenhor Pereira dos Reis

DIRECÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Seminário dos Olivais
1885-076 Moscavide
Telf. 219457370
Fax 219457379
E-mail: secretaria@seminariodosolivais.org

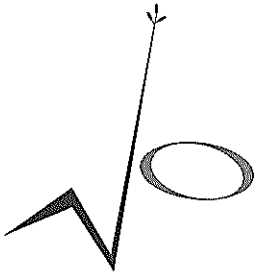
DEPÓSITO LEGAL: N.º 2912/83

EXECUÇÃO GRÁFICA
Manuel Barbosa & Filhos, Lda.

TIRAGEM
1000 exemplares

PREÇO
€ 5

CAPA: *Ordinandos*, Fotografia de Cón. João Marcos.



SUMÁRIO

EDITORIAL 5
Cón. João Marcos

OS PADRES DIOCESANOS
ESPIRITUALIDADE E DESAFIOS PASTORAIS 9
D. Carlos Azevedo

MINISTROS SAGRADOS OU CLÉRIGOS
NO *CÓDIGO DE DIREITO CANÓNICO* DE 1983 19
Pe. Doutor Ricardo Ferreira

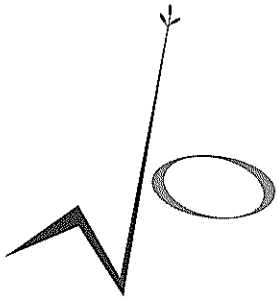
RETRATO DOS ORDINANDOS 29

O ITINERÁRIO DA VOCAÇÃO 83
Equipa pastoral do Pré-Seminário de Lisboa

COMEMORAÇÕES DOS 75 ANOS
DO SEMINÁRIO DOS OLIVAIS 89
Diác. Carlos Silva

REVISITANDO A (PRÉ) HISTÓRIA
DA *NOVELLAE OLIVARUM* 95
Diác. Carlos Silva

CRÓNICA 99
Diác. Carlos Silva



EDITORIAL

Cón. João Marcos

Depois do número especial que editámos para assinalar os 75 anos do Seminário dos Olivais, regressamos com este número ao formato habitual da nossa revista. Retomamos a forma exterior, mas reajustamos o seu conteúdo para que a *Novellae Olivarum* corresponda melhor à sua função de ligar o Seminário e o presbitério diocesano de que é matriz e berço, de ligar o Seminário e a Igreja Diocesana. É necessário que a diocese conheça melhor os seus seminários para poder amá-los e senti-los como seus. Como referiu o Senhor Patriarca na celebração dos 75 anos, ainda há feridas abertas nos já longínquos anos sessenta que não sararam completamente.

Ajudar a diocese a reencontrar-se com o Seminário é um dos dois grandes objectivos das celebrações deste ano. O outro, que se prende com este, é fazer do Seminário um verdadeiro laboratório da comunhão eclesial. Temos uma consciência muito viva de que, aqui, não se trata apenas de formar competentemente os quadros

administrativos de uma grande empresa e de habilitar e apetrechar técnica e humanamente uns quantos rapazes para uma carreira eclesiástica. Queremos que o Seminário seja uma experiência muito autêntica de Igreja, um espaço eclesial onde seminaristas e presbíteros aprendemos a cultivar e a viver a novidade da comunhão cristã. Sem isso continuarão a surgir os rebentos bravios e estéreis do clericalismo que, como é sabido, são negação da comunhão cristã e estorvo à sua manifestação, embora tantas vezes se confundam facilmente com os rebentos da oliveira fecunda, com as "novellae olivarum" da nossa divisa. Sem isso, em vez de ser sinal e instrumento de comunhão, o clero poderá ser obstáculo à realização daquele imperativo pastoral que João Paulo II formulou para toda a Igreja na *Novo Millenio Ineunte*:

> *Fazer da Igreja a casa e a escola da comunhão: eis o grande desafio que nos espera no milénio que começa, se quisermos ser fiéis aos desígnios de Deus e corresponder às expectativas mais profundas do mundo. [...] É preciso promover uma espiritualidade de comunhão, elevando-a ao nível de princípio educativo em todos os lugares onde se plasma o homem e o cristão, onde se educam os ministros do altar, os consagrados, os agentes pastorais, onde se constroem as famílias e as comunidades. (NMI 43)*

Alegramo-nos porque estamos dando passos neste sentido, passos pequenos mas seguros. Muito conscientes das nossas limitações e dificuldades sabemos, no entanto, que estamos no rumo certo.

Vai nesse sentido a inflexão que este número da *Novellae Olivarum* consubstancia e que de há muito vinha sendo desejada e pensada: em vez de um punhado de artigos em torno de um tema

teológica ou pastoral, oferecemos uma apresentação daqueles que neste ano serão ordenados padres e das paróquias de onde surgiram, feita pelos colegas e por eles próprios. Não duvidamos de que, envolvendo mais pessoas na sua feitura e centrada num assunto de premente oportunidade pastoral como este, a *Novellae Olivarum* chegará às mãos de mais pessoas e será lida com mais interesse.

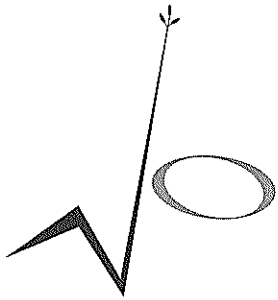
Enquadra esta apresentação um belo e incisivo artigo de Dom Carlos Azevedo sobre os desafios pastorais que hoje se põem aos padres diocesanos e a espiritualidade de que estes precisam para os enfrentar. É um texto para ler e reler, para assimilar e para concretizar na vida daqueles que hoje são presbíteros e seminaristas.

Um outro artigo do Padre Ricardo Ferreira ajuda-nos a ver o presbítero tal como se configura no *Código de Direito Canónico* de 1983. Sabemos que as leis escritas estão ao serviço da vida, mas que a vida não fica prisioneira delas e as extravasa. Quem diria há noventa anos, ao ser publicado o *Código de Direito Canónico* de 1917, que mudaria tanto e tão rapidamente o entendimento que a Igreja tem de si mesma? Não pedimos às leis aquilo que não nos podem dar, mas também não podemos desprezar com superficialidade aquilo que, por elas, o Espírito nos oferece, para que o corpo eclesial, bem estruturado e unido por meio de toda a espécie de junturas que o sustentam, com a operação harmoniosa de cada uma das suas partes, realize o seu crescimento para a sua própria edificação no amor (Cf. Ef 4, 16). Os leitores verificarão a utilidade prática desta visão sinóptica dos cânones que tratam da vida e do ministério dos padres, que o Padre Ricardo nos oferece no seu artigo.

Para ajudar a preparar nas paróquias e grupos as ordenações e as missas novas, os seminaristas que colaboram no Pré-Seminário de Lisboa oferecem uma proposta catequética sobre a vocação, proposta que poderá ser completada com os elementos constantes no sítio do Seminário: *www.seminariodosolivais.org.*

A crónica da vida do Seminário, informações acerca das comemorações dos 75 anos e ainda uma revisitação dos primeiros números da nossa revista, tudo isto preparado diligentemente pelo Diácono Carlos Silva, nosso sub-director, completam este número da *Novellae Olivarum.*

Novellae Olivarum, rebentos de oliveira, sinais da caridade divina para com a humanidade e da divina solicitude do Bom Pastor para com a sua Igreja, é assim que vemos os padres novos, formados neste Seminário para participarem da missão apostólica dos bispos nas Igrejas de Lisboa, Santarém e Cabo Verde. Que estes rebentos floresçam e frutifiquem de acordo com a vontade d'Aquele que os suscitou, chamou, formou e envia, para que o Pai seja glorificado e o mundo receba com abundância o Espírito e a vida do Filho de Deus.



OS PADRES DIOCESANOS: ESPIRITUALIDADE E DESAFIOS PASTORAIS

D. Carlos Azevedo

O padre diocesano santifica-se pelo exercício do ministério. A vida pastoral pautada pela caridade do Bom Pastor é o lugar próprio da sua realização espiritual. Ora como não se pode ignorar, nem prescindir da actual crise pastoral isso acarreta dificuldades para a vida espiritual. Não podemos continuar como se nada tivesse acontecido. Não podemos crer, também, que se possa voltar a posições e perspectivas do passado, ainda que se renovada a fachada e realizadas acomodações de emergência. Não, definitivamente. O amanhã não será continuação pacífica do ontem.

A crise não se afronta com lamentos ou passivismo, encomendando ao tempo o que requer consciência lúcida e vontade decidida. Só assumindo-a com fé, ela será graça. Há que trabalhar com humildade, ardor e paciência procurando uma verdade que foge. Não

há soluções evidentes e mágicas, apesar da tentação de declarar definitivas as hipóteses que respondem às interrogações postas pela consciência do padre de hoje. Interrogando-nos sobre o nosso ser, e percebendo com sagacidade e sensibilidade o decurso da história, em conexão com o dinamismo da Igreja que nasce da sua auto-compreensão para dentro e da sua projecção para fora, importa procurar com insistência. A sabedoria da interrogação é criadora de caminhos porque a Igreja é um mistério.

O padre tem uma imagem intimamente ligada à Igreja e à evolução do mundo. A imagem é impossível sem uma dupla e condicionante relação. O tipo de padre está determinado pela pertença à Igreja e ao mundo, pelas formas concretas graças às quais funciona e se compreende a Igreja e pela situação sócio-cultural da sociedade. Portanto imagem em mudança e também imagem plural na coexistência histórica necessária de imagens sacerdotais, de espiritualidades e formas várias de realizar a vocação e o serviço na Igreja.

Também aqui se pede humildade para não impor uma espiritualidade de modelo único, que é sinal de pobreza, prova de impermeabilidade ao mistério e ao dinamismo histórico e desrespeito pela criatividade de cada pessoa. A pluralidade não vem da pressão da moda mas de uma fidelidade esclarecida, devido à cultura em que se situa, à evolução social e religiosa que o rodeia.

Partiram-se, quebraram-se os modelos presbiterais do passado, morreram-nos nas mãos.

Corresponde ao padre uma "existência evangélica", um estilo de vida presbiteral. Importa caminhar nesta direcção para descobrir hoje os traços próprios da espiritualidade sacerdotal, porque a questão decisiva é e será a vida espiritual. Urge a vida, a imagem sairá de dentro da alma do padre posto a trabalhar, e do dom de Deus. É a atitude pastoral que produz estilos.

Aqui se situa a urgente conversão de coração dos mais responsáveis pelas comunidades. Uma conversão nas prioridades pastorais. Não nos encontramos perante um mundo cristão, mas perante um mundo afastado de Deus. Daí a necessidade de dar importância ao que torna a Igreja evangelizadora: a força da oração, a necessidade do anúncio kerigmático, o uso dos bens e das energias com motivações precisas e específicas para o anúncio do Evangelho, o dirigir as atenções não para a mínima percentual de participantes na vida paroquial, mas para a grande maioria de não praticantes e não crentes que são objecto da ânsia do coração pastoral de Jesus.

A conversão está em acreditar que há uma autoridade, uma graça e uma força típicas do carisma apostólico, que os pastores das comunidades têm o santo dever de exercitar. Devem pedir aos irmãos da comunidade colaboração e empenho na sua tarefa.

Na brevidade deste texto, apenas refiro duas dimensões na perspectiva da formação dos novos padres.

1. A sacramentalidade, factor radical da identidade presbiteral

A identidade do presbítero é o ponto de partida da formação, é o princípio estruturante e integrador da sua pessoa. Não se pode

recorrer apenas ao ministério, nem às razões sociológicas ou psicológicas. A sacramentalidade é o factor radical. Configura o ordenado a Cristo no seu ser a actuar, como afirma o n. 70 da *Pastores dabo vobis*: "Com a efusão sacramental do Espírito Santo que consagra e envia, o presbítero fica configurado com Jesus Cristo, Cabeça e Pastor da Igreja e é enviado a exercer o ministério presbiteral". Aqui se complementa a sacramentalidade da sua pessoa com a sacramentalidade do ministério. Aliás é da sacramentalidade do ministério que decorre a sacramentalidade da pessoa.

O tempo de preparação para o sacramento destina-se a trabalhar as condições para que o momento da celebração sacramental seja acolhido no seu dinamismo. O ordenado padre não participa de uma realidade estática mas relacional, sempre a actualizar-se, sempre inovadora. A identidade não é algo adquirido uma vez por todas. É um recurso de sentido, em contínua tensão entre as escolhas individuais e a pertença objectiva a uma instituição religiosa. Geralmente avalia-se a boa saúde de uma instituição (uma qualquer organização) quando os seus funcionários conseguem conservar no seu ciclo vital o entusiasmo originário na escolha feita, subtraindo-se à força da inércia e da rotina que a própria instituição pede.

O elemento distintivo da identidade do ordenado presbítero é a caridade pastoral. É a chave da formação. Para participar do "poder", do "ministério" e do "amor" de Cristo Pastor (PDV 23), requer-se uma iniciação, uma preparação que abra caminho e retire os obstáculos para uma acção do Espírito Santo na pessoa concreta de cada candidato.

A sacramentalidade entranha uma relação com Cristo, uma relação afectiva. É essa a atitude essencial porque a caridade pastoral não é se não amar com o amor de Pastor, que Cristo nos apresenta como amor de paixão. Viver no seguimento de Cristo, como os apóstolos, é tarefa da formação, claramente referida na *Pastores dabo vobis*. Os Seminários ocupam o capítulo V da exortação (nn. 42-69). Conseguir que estas dimensões sejam acolhidas de modo interior e profundo, com alegria e responsabilidade é preocupação educativa basilar. Não basta conhecer as finalidades institucionais, mas também perceber o grau de interiorização dos modelos "teóricos" que a organização propõe como paradigma ideal.

O Seminário é aí definido como "espaço espiritual, um itinerário de vida, uma atmosfera que favorece e assegura um processo formativo"(PDV 42) para que aquele que é chamado por Deus ao sacerdócio possa tornar-se, pelo sacramento da Ordem, uma imagem viva de Cristo Cabeça e Pastor da Igreja. Como se nota, há o cuidado de com sabedoria apresentar uma definição aberta à diversidade de experiências formativas. É um desafio ao modelo único que impera entre nós.

A exortação retoma a Mensagem dos Padres Sinodais ao Povo de Deus (28-10-90) para apontar as características deste espaço e tempo espiritual, tais como:

- "deixar-se iniciar por Cristo no serviço do Pai e da humanidade, sob a orientação do Espírito Santo";
- "deixar-se configurar a Cristo Bom Pastor, para um melhor serviço sacerdotal na Igreja e no mundo";

- "habituar-se a dar uma resposta pessoal à questão fundamental de Cristo: tu amas-me?", que equivale ao dom total da sua própria vida.

O trabalho educativo é muito dos formadores porque os termos do texto supõem disponibilidade real dos formandos. Neste serviço pastoral dos educadores há uma atitude fundamental, sempre a retomar, já que estar consciente de que se acompanham pessoas históricas, concretas, com situações, problemas, dificuldades, com "ritmos diversificados de caminho e de crescimento" (PDV n.61) requer "sapiente elasticidade" e "contínua renovação". Só educadores com amor verdadeiro e respeito sincero por quem está a caminhar serão capazes da difícil tarefa.

2. As implicações vitais de uma Igreja entendida como mistério, comunhão e missão

O padre aparece situado na Igreja, entendida como *mistério, comunhão e missão*. São termos que entraram no vocabulário teológico e necessitam de entrar na vivência e complementaridade mútua. Permiti que brevemente mostre algumas consequências desta tripla dimensão.

Igreja *mistério* implica viver a verdade completa do seu ser de servidor de Cristo e dos mistérios de Deus. A dimensão pessoal e individual é vivida na sua qualidade solidária ou colegial porque a função é exercida colegialmente e o serviço destina-se a uma realidade comunitária. Esta tripla dimensão pessoal, colegial e comunitária evitará o isolamento do padre, com a tentação de o colocar em posição de superioridade ou de estranheza. Pode produzir-se sub-

repticiamente uma separação, uma "sacralização" dos padres. Ora se há ministério sacerdotal dos pastores é para permitir que o corpo eclesial seja inteiramente sacerdotal e se edifique graças ao sacerdócio único de Cristo. Os cristãos que participam da cultura contemporânea têm dificuldade em compreender a referência ao mistério, entendido como acção de Deus Trindade no coração da nossa história. Ao ver o padre disperso em actividades, sobrecarregado com dificuldades psicológicas para suportar tanto peso, em deslocações múltiplas, em activismo ligado ao frenesim do tempo, como captar que ele é servidor da Igreja mistério?

Igreja *comunhão* implica uma relação profunda com o Povo de Deus a congregar em corresponsabilidade, uma relação com a Igreja particular pelo vínculo da incardinação (jurídico, espiritual e pastoral), relação com o Bispo e o presbitério em crescimento.

C presbiterado entende-se no interior e no serviço das comunidades eclesiais, em função do Povo de Deus, mais do que em razão da Eucaristia. O sacramento da Ordem não se justifica por outro sacramento, a Eucaristia, mas através da Igreja, a edificar como testemunha do Reino de Deus no coração da história. Tudo parte da responsabilidade baptismal que faz de todos os membros de Cristo sacerdote, profeta e rei. Todos devem anunciar a Boa Nova da Aliança, todos devem tornar a vida agradável a Deus e todos devem orientar a própria vida e a história segundo o dinamismo do Reino.

É necessário ultrapassar o modo personalístico de conduzir o ministério com a consequente atomização dos padres em relação ao corpo eclesial. Aprender a exercitar o seu ministério de modo mais sinodal, em referência e obediência à comunidade eclesial é uma

consequência da perspectiva teológica. As práticas sinodais são a forma de traduzir, na vida das comunidades, uma convivência de baptizados. Os conselhos pastorais, a revalorização da sinodalidade a vários níveis contribuirá para uma melhor inculturação do Evangelho, uma maior catolicidade da comunidade eclesial.

Igreja *missão*, como participante da missão salvífica da Igreja, sempre em processo de fidelidade à história. A descoberta da diversidade de ministérios ao serviço da missão da Igreja abriu caminho para uma compreensão do ministério ordenado no interior da missão de toda a Igreja. Não é mais em função do sacrifício eucarístico que se compreende de modo privilegiado o ministério sacerdotal do bispo e dos padres, mas em função do Povo de Deus.

Ora o Povo de Deus tem direito a ser bem servido por pastores bem preparados. Um seminário sem qualidade defraudaria as expectativas do Povo de Deus (PDV n.79). Os fiéis leigos têm o direito de ser orientados por presbíteros fiéis ao dom e ao ministério recebido. A PDV não esclarece muito sobre a natureza desta relação entre presbítero e comunidade. Claro que não se deve absolutizar esta requisição das comunidades sobre o ser e o ministério do padre, porque a falta de formação dos cristãos é por vezes clamorosa e o modelo de padre que pede é uma aberração.

*

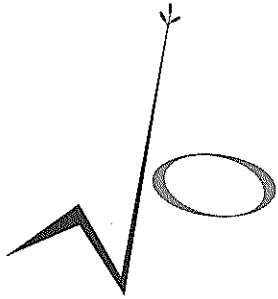
Acabamos neste tópico. Não concluímos porque haveria muito que reflectir. Corre-se o risco de confundir o *ser* e a *forma* em que se traduz. A *missão* com as tarefas que executa em determinados momentos da história.

Às vezes parece que não acreditamos na capacidade do padre. Temos medo de o deixar com os apetrechos para viver e descemos a ditar-lhe tudo até ao detalhe. Deste modo preparamos os novos fracassos.

Prefiro um padre meio atrapalhado com a dificuldade de fazer cristalizar os dados sólidos que a teologia oferece sobre a sua vocação do que a figura de quem executa a lição aprendida. Os melhores mestres – os místicos – foram sempre parcos em assimilar caminhos e pródigos em despertar atitudes pessoais.

Assim, desafios pastorais e espiritualidade cruzam-se na vida do presbítero diocesano. Aqui se insere a premente necessidade de o padre cultivar a dimensão contemplativa, a vida relacional com Deus, em virtude da sua experiência vocacional de encarnação. Para qualificar o ministério, para o fazer mais penetrante e incisivo na estrutura social, na densidade da vida resistente e até mesmo fechada a essa presença é fundamental a atitude contemplativa.





MINISTROS SAGRADOS OU CLÉRIGOS NO *CÓDIGO DE DIREITO CANÓNICO* DE 1983

Pe. Doutor Ricardo Ferreira

No *Código de Direito Canónico*, promulgado em 1983, há uma clara identificação entre ministros sagrados e clérigos. A primeira questão que se coloca é quem são os ministros sagrados ou clérigos na actual codificação. O segundo livro do Código refere-se ao povo de Deus e começa por definir no cânone 204 § 1 quem são os fiéis na Igreja: "Fiéis são aqueles que, por terem sido incorporados em Cristo pelo baptismo, foram constituídos em povo de Deus e por este motivo se tornaram a seu modo participantes do múnus sacerdotal, profético e real de Cristo e, segundo a própria condição, são chamados a exercer a missão que Deus confiou à Igreja para esta realizar no mundo". Entre os fiéis, por instituição divina, existem os ministros sagrados, que no

direito se chamam também clérigos; os outros fiéis designam-se também por leigos (cf. c. 207 § 1).

Alguns de entre os fiéis são constituídos ministros sagrados mediante o sacramento da Ordem, conforme estabelece o cânone 1008: "Mediante o sacramento da Ordem, por instituição divina, alguns de entre os fiéis, pelo carácter indelével com que se assinalam, são constituídos ministros sagrados, e assim são consagrados e deputados para que, segundo o grau de cada um, apascentem o povo de Deus, desempenhando na pessoa de Cristo Cabeça as funções de ensinar, santificar e reger". Actualmente as ordens são o episcopado, o presbiterado e o diaconado (cf. c. 1009 § 1), pelo que os ministros sagrados ou clérigos são aqueles que receberam o sacramento da Ordem nos diversos graus: os bispos, os presbíteros e os diáconos. É pela recepção do diaconado que alguém se torna clérigo ou ministro sagrado (cf. c. 266 § 1).

A temática das ordens sagradas é fundamentalmente tratada em dois lugares diferentes no novo *Código de Direito Canónico*, à semelhança do antigo: o aspecto disciplinar da vida dos ministros sagrados é tratado no livro II – Do povo de Deus, parte I – Dos fiéis, título III – Dos ministros sagrados ou dos clérigos; o aspecto sacramental é tratado no livro IV – Do múnus santificador da Igreja, parte I – Dos sacramentos, título VI – Da Ordem. O Código dedica aos ministros sagrados ou clérigos 61 cânones divididos em quatro capítulos: o primeiro sobre a formação dos clérigos (cc. 232-264); o segundo sobre a adscrição ou incardinação dos clérigos (cc. 265-272); o terceiro sobre as obrigações e os direitos dos clérigos (cc. 273-289); e o quarto sobre a perda do estado clerical (cc. 290-293). Quanto ao

sacramento da Ordem são dedicados 47 cânones e a matéria é organizada de forma análoga aos outros sacramentos. Inicia-se com dois cânones introdutórios de carácter doutrinal (cc. 1008-1009), seguindo-se depois três capítulos: o primeiro sobre a celebração e o ministro da ordenação (cc. 1010-1023); o segundo sobre os ordinandos (cc. 1024-1052), dividido em quatro artigos (Art. 1 – Dos requisitos nos ordinandos, Art. 2 – Dos pré-requisitos para a ordenação, Art. 3 – Das irregularidades e outros impedimentos, Art. 4 – Dos documentos requeridos e do escrutínio); e o terceiro capítulo sobre a anotação e o certificado da ordenação (cc. 1053-1054).

Sendo a matéria em causa tão vasta, opta-se por desenvolver apenas do livro II, parte I, título III, o terceiro capítulo sobre as obrigações e os direitos dos clérigos. Este título III refere-se somente aos diáconos e aos presbíteros; em relação aos bispos deve consultar-se a parte II do livro II. Observa-se que existe uma lógica interna do Código na apresentação da legislação sobre os fiéis: inicialmente consideram-se as obrigações e os direitos de todos os fiéis no título I (cc. 208-223) e só depois as obrigações e os direitos dos fiéis leigos no título II (cc. 224-293) e o que diz respeito aos clérigos no título III (cc. 232-293).

Os ministros sagrados ou clérigos têm todos os direitos e as obrigações que são próprios dos fiéis, embora de acordo com a sua condição. E a estes se juntam os direitos e as obrigações específicos do estado clerical.

A santidade de vida é obrigação de todos os fiéis, devendo cada um, segundo a sua condição, esforçar-se por levar uma vida santa (cf. c. 210). A necessidade de ter uma vida santa é ainda mais

compreensível para os clérigos, especialmente para os bispos (cf. c. 387). O cânone 276 § 1 estabelece de forma inequívoca esta obrigação: «Os clérigos estão obrigados, por motivo peculiar, a tender à santidade na sua vida, uma vez que, consagrados a Deus por novo título na recepção da ordem, são os dispensadores dos mistérios de Deus para o serviço do Seu povo».

No § 2 do cânone 276 indicam-se os meios concretos para adquirir esta perfeição. Em primeiro lugar, através do desempenho fiel e esforçado dos deveres do ministério pastoral que lhe são confiados; e devem continuar a formação permanente, prosseguindo os estudos, participando em acções de formação e pelo conhecimento de outras ciências que sejam úteis ao exercício do ministério pastoral, como explicita o cânone 279. Depois é apontada a dupla mesa da Sagrada Escritura e da celebração da Eucaristia, sendo os sacerdotes instantemente convidados, não obrigados, a oferecer diariamente o Sacrifício eucarístico, mesmo quando não possa haver a presença de fiéis (cf. c. 904); os diáconos também são convidados a participar quotidianamente na celebração da Eucaristia. Em terceiro lugar é indicada a obrigação da oração diária da liturgia das horas segundo os livros litúrgicos e aprovados, observando-se ainda, quanto possível, o verdadeiro tempo de cada uma das horas (cf. cc. 1173-1175); em relação aos diáconos permanentes é a Conferência episcopal que deve determinar, e a Conferência Episcopal Portuguesa determinou que eles rezassem Laudes e Vésperas e recomendou Completas (cf. nº 49 das Directivas da CEP de 1980). Em quarto lugar é obrigação que os clérigos participem nos exercícios espirituais, segundo as prescrições do direito particular. E, finalmente, são recomendados outros meios

de santificação comuns e particulares, destacando-se a oração mental regular, a aproximação frequente ao sacramento da Penitência e a devoção à Virgem Maria.

Os ministros sagrados ou clérigos alcançam a santidade na sua vida também através da vivência dos conselhos evangélicos, embora o Código não fale deles explicitamente como já o Decreto *Presbyterorum ordinis* tinha evitado, provavelmente para afastar alguma confusão entre a vida do clero secular e a vida religiosa. Não obstante são indicados no título que estamos a considerar a obediência, o celibato e a simplicidade de vida nos cânones 273, 277 e 282 respectivamente.

O cânone 273 aponta como primeira obrigação especial dos clérigos o dever de prestar reverência e obediência ao Sumo Pontífice, enquanto Ordinário da Igreja universal, e ao Ordinário próprio, em virtude da natureza da própria ordem sagrada e da promessa pública feita no momento da ordenação. Desta obrigação nasce o dever dos clérigos aceitarem e desempenharem fielmente os cargos que lhes forem confiados pelo seu Ordinário, a não ser que exista um impedimento legítimo (cf. c. 274 § 2). Se não existir um impedimento legítimo e o clérigo desobedece à Sé Apostólica, ao Ordinário ou Superior quando legitimamente mandam ou proíbem alguma coisa, depois de avisado, pode ser punido com uma pena justa se persistir na desobediência (cf. c. 1371, 2º); se instiga outros à desobediência, pode ser punido com o interdito ou outras penas justas (cf. c. 1373). Do § 1 do cânone 274 deduz-se o direito dos clérigos obterem ofícios para cujo exercício se requer o poder de ordem ou o poder de governo eclesiástico. Em razão da incardinação, surge no clérigo, segundo o cânone 283 § 1, a obrigação de residência na diocese, da qual não se

pode afastar por tempo notável, a determinar pelo direito particular, sem licença, ao menos presumida, do Ordinário próprio. A violação grave da obrigação de residência do clérigo que está sujeito a ela em razão do ofício eclesiástico que recebeu é punida com pena justa, sem excluir, depois de admoestado, a privação do ofício (cf. c. 1396). No entanto, o clérigo tem, de acordo com o § 2 do cânone 282, a faculdade de gozar todos os anos do devido e suficiente tempo de férias, determinado pelo direito universal ou particular (cf. cc. 395 § 2, 410, 533 § 2, 550 § 3).

No cânone 277 estabelece-se para os clérigos a obrigação da continência perfeita e perpétua pelo Reino dos céus, e do celibato. O celibato é definido neste cânone como um dom peculiar de Deus que torna o coração dos ministros sagrados indiviso e lhes permite aderirem mais facilmente a Cristo e a dedicarem-se mais livremente ao serviço de Deus e dos homens. A assunção do celibato é feita publicamente perante Deus e a Igreja por meio de uma promessa na ordenação diaconal (cf. c. 1037). Estão sujeitos a esta obrigação todos os clérigos, à excepção dos diáconos permanentes casados, os quais, se enviuvarem, não podem contrair novas núpcias. A legislação prevê algumas consequências canónicas para aqueles que assumem o celibato, destacando-se o impedimento dirimente ao matrimónio, ou seja, todos aqueles que receberam ordens sagradas não podem atentar matrimónio (cf. c. 1087). Se algum clérigo atentar matrimónio, mesmo só civil, torna-se irregular quer para receber os outros graus da ordem (cf. c. 1041, 3º) quer para exercer aqueles já recebidos (cf. c. 1044 § 1, 3º); *ipso iure* é removido do ofício eclesiástico (cf. c. 194 § 1, 3º), incorre na suspensão *latae sententiae* e se, admoestado, não se emendar e

persistir em dar escândalo, pode ser punido gradualmente com privações e ou até mesmo com a demissão do estado clerical (cf. c. 1394 § 1); o concubinato do clérigo e a situação permanente escandalosa em qualquer outro pecado externo contra o sexto mandamento são igualmente punidos (cf. c. 1395). A dispensa da obrigação do celibato é concedida exclusivamente pelo Romano Pontífice (cf. c. 291). O cânone 277 ainda estipula no § 2 que os clérigos procedam com prudência para com as pessoas de ambos os sexos, cuja convivência possa constituir perigo para a obrigação de guardarem continência ou suscitar escândalo para os fiéis; e o § 3 estabelece que é competência do Bispo diocesano dar normas mais determinadas nesta matéria.

A simplicidade de vida é recomendada aos clérigos no § 1 do cânone 282, os quais se devem também abster de tudo o que constitua vaidade. Não é estabelecida uma obrigação jurídica de pobreza material para os clérigos, mas o § 2 recomenda que os bens recebidos por ocasião do exercício do ofício eclesiástico devem ser essencialmente para providenciarem à sua honesta sustentação e ao cumprimento dos deveres do próprio estado, sendo empregue o que lhes sobrar para o bem da Igreja e em obras de caridade. Em correlação com esta disposição estão as indicadas no cânone 281: necessidade dos clérigos terem uma remuneração condigna, de modo a proverem às necessidades da sua vida e à justa retribuição daqueles de cujo serviço necessitam; também se deve providenciar para que tenham assistência social de modo a garantir a sua subsistência em caso de doença, invalidez ou velhice; prevê-se que os diáconos permanentes casados que se dedicam totalmente ao ministério

eclesiástico tenham uma remuneração com que possam prover à sua sustentação e à da família. O cânone 286 proíbe que os clérigos exerçam, por si ou por outrem, actividades económicas para utilidade própria ou alheia, a não ser que tenham licença da legítima autoridade eclesiástica. A violação desta norma prevê punições de acordo com a gravidade do delito (cf. c. 1392), e o exercício deste tipo de actividades constitui impedimento simples a receber as ordens sagradas (cf. c. 1042, 2º). A esta norma não estão sujeitos os diáconos permanentes, conforme indicação do cânone 288.

O cânone 275 no § 1 recomenda que os clérigos estejam unidos entre si pelo vínculo da fraternidade e da oração e cooperem uns com os outros, segundo as prescrições do direito particular. Daqui procede o conselho, no cânone 280, de os clérigos manterem alguma forma de vida comum, especialmente entre os párocos e os vigários paroquiais (cf. c. 550 § 2). Os clérigos têm também o dever de reconhecer e promover a missão dos leigos na Igreja e no mundo, como refere o § 2 do cânone 275.

No cânone 278 § 1 é reconhecido aos clérigos seculares o direito de associação, direito reconhecido a todos os fiéis (cf. cc. 215 e 299 § 1), como forma de alcançarem os fins consentâneos com o estado clerical. Os parágrafos seguintes concretizam: o § 2 aponta que os clérigos devem ter em grande apreço aquelas associações que, com estatutos aprovados pela autoridade competente, fomentam a sua santidade no exercício do ministério e favoreçam a união dos clérigos entre si e com o seu Bispo; e o § 3 proíbe a constituição ou participação em associações, cujo fim e actividade sejam contrárias às obrigações próprias do estado clerical ou possam prejudicar o

diligente cumprimento do múnus que receberam. Neste sentido se compreende a disposição do cânone 287 § 2 que proíbe os clérigos de tomarem parte activa em partidos políticos ou na direcção de associações sindicais, a não ser que a autoridade eclesiástica competente o permita, sobretudo quando estiver em causa a defesa dos direitos da Igreja ou a promoção do bem comum. Esta proibição não diz respeito aos diáconos permanentes (cf. c. 288). O cânone 1374 prescreve a atribuição de uma pena justa para quem der o nome a associações que maquinem contra a Igreja, concretamente associações maçónicas, ou interdito no caso de promover ou dirigir tais associações.

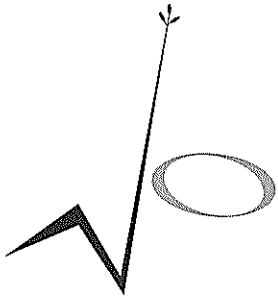
Os clérigos devem também abster-se de tudo aquilo que desdiz do seu estado, segundo as prescrições do direito particular, conforme a normativa do cânone 285 § 1. Os parágrafos seguintes deste cânone concretizam a disposição: o § 2 recomenda que os clérigos devem evitar o que é alheio ao estado clerical, embora possa não ser indecoroso; o § 3 proíbe os clérigos de assumirem cargos públicos que constituam participação no exercício do poder civil; o § 4 determina que os clérigos, sem licença do Ordinário, não se devem ocupar da gestão de bens pertencentes a leigos ou outros ofícios seculares, que tragam consigo o ónus de prestar contas, e também estão proibidos de ser fiadores sem consultar o seu Ordinário, mesmo com bens próprios, e devem abster-se de assinar documentos, pelos quais se obriguem a pagar importâncias, sem o conhecimento do Ordinário. Os diáconos permanentes não estão obrigados aos §§ 3 e 4 (cf. c. 288). Em relação com o cânone 285 encontra-se o 289 que estipula no primeiro parágrafo que os clérigos e os candidatos às

ordens sagradas não se alistem voluntariamente no serviço militar, sem a devida licença do seu Ordinário, porque este é menos consentâneo com o estado clerical. O segundo parágrafo do cânone 289 aconselha os clérigos a absterem-se de exercer cargos e serviços públicos civis alheios ao estado clerical, a não ser que o Ordinário determine outra coisa, utilizando para isso as isenções das leis civis, as convenções e os costumes que lhes são concedidos.

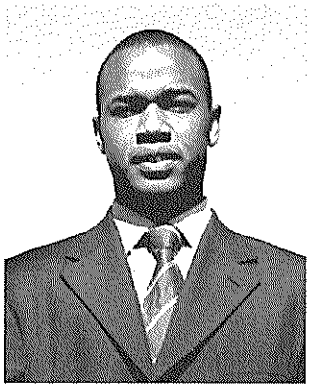
O cânone 284 estabelece que todos os clérigos, à excepção dos diáconos permanentes (cf. c. 288), devem usar trajo eclesiástico conveniente, como sinal da sua consagração e do ministério público que desempenham. É deixado, contudo, às conferências episcopais e aos legítimos costumes dos lugares outras determinações. A Conferência Episcopal Portuguesa determinou no segundo decreto para aplicação do novo Código de Direito Canónico que os sacerdotes usem um trajo digno e simples de acordo com a sua missão; esse trajo deve identificá-los sempre como sacerdotes; esta identificação far-se-á, normalmente, pelo uso da batina ou do fato preto ou de cor discreta com cabeção [cf. *Lumen* 46 (1985) 147].

As disposições anteriormente indicadas encontram, na maioria dos casos, a sua fundamentação nos textos conciliares, particularmente no decreto *Presbyterorum Ordinis* sobre a ministério e a vida dos sacerdotes, e em outros documentos do magistério da Igreja. Após a publicação do Código de Direito Canónico de 1983 surgiram documentos importantes relativamente a esta matéria, salientando-se a Exortação apostólica pós-sinodal *Pastores dabo vobis* de João Paulo II, em 25 de Março de 1992, sobre a formação dos sacerdotes nas circunstâncias actuais.





RETRATO DOS ORDINANDOS



ADRIANO CABRAL

A pessoa

Samuel Costa
Aluno do 2º ano do Seminário de Caparide

Adriano Cabral nasceu na comunidade de Vila Nova, cidade da Praia, Cabo Verde, a 12 de Agosto de 1981, numa família cristã. Os seus pais são naturais da localidade de São Lourenço dos Órgãos, também na Ilha de Santiago.

No fim de uma infância vivida na tranquilidade da cidade da Praia foi convidado a entrar no Pré-Seminário, por um amigo, colega de escola, que já frequentava o Pré-Seminário. Isso passou-se no ano de 1994 e permaneceu três anos no Pré-Seminário, onde mensalmente havia encontros e actividades com jovens de várias partes da ilha, num ambiente fraterno e muito saudável. Foi durante esse tempo que passou a fazer parte do grupo de acólitos da sua paróquia de Nossa Senhora da Graça.

Ao fim desses três anos, entrou no Seminário Menor de São José da Praia, para frequentar o 10º ano de escolaridade. Durante o Seminário Menor, foi catequista na paróquia de Achada de Santo António.

Depois de três anos de formação e discernimento vocacional, decidiu, com a ajuda da Igreja e a graça de Deus, dar continuidade à sua caminhada para o sacerdócio. Uma vez que em Cabo Verde não há Seminário Maior, veio para Portugal em Outubro de 2000 para dar seguimento à sua formação no Seminário de São José de Caparide. Esteve três anos nessa casa, onde cresceu no conhecimento da vontade de Deus para a sua vida.

Terminados estes anos, deu mais um passo na sua caminhada e entrou no Seminário de Cristo Rei dos Olivais. Neste Seminário, tem quatro anos de formação, estudo, oração e pastoral que o têm feito crescer no conhecimento de Deus e no serviço dos irmãos, e onde tem vindo a ganhar um coração de pastor.

Quase no final destes quatro anos, prepara-se para a ordenação diaconal e posteriormente sacerdotal, tendo sido instituído leitor no dia 15 de Março passado por D. José Policarpo, com demissórias do Bispo de Santiago de Cabo Verde.

Adriano é uma pessoa muito acolhedora, que está sempre disponível para o diálogo e para ajudar as pessoas que dele precisam. É uma pessoa humilde, que sabe estar com os outros, nunca gozando das suas dificuldades mas preocupando-se com os seus problemas e tentando resolvê-los como se fossem seus. Ele é persistente no que

procura e não desiste facilmente, nunca se deixa vencer pelas dificuldades mas insiste sempre em arranjar soluções.

Ele sabe apreciar a amizade e protegê-la!

A sua comunidade

A paróquia de Nossa Senhora da Graça na cidade da Praia, capital de Cabo Verde, foi fundada em 1903, sendo a Igreja Paroquial actualmente a Catedral da Diocese de Santiago. Além da sede, a paróquia conta com treze capelanias, comunidades locais, cada uma com o seu conselho de comunidade. O Padre Angelino Gomes Coelho é o seu pároco, padre cabo-verdiano com trinta anos, fez os estudos de Teologia em Coimbra. Além do pároco, trabalham na paróquia outros dois jovens ministros: o coadjutor e um Diácono. O antecessor do Padre Angelino foi o actual Bispo do Mindelo, D. Arlindo Gomes Furtado, ordenado aquando da fundação da segunda Diocese do país em 22 de Fevereiro de 2004.

A paróquia conta com um grupo de acólitos, serviço de catequese em diversos locais e uma associação caritativa para assistência dos habitantes mais pobres.

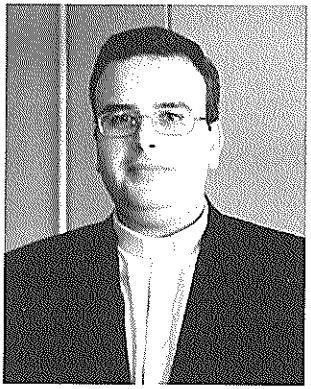
Filhos da paróquia ordenados Padres recentemente contam-se nove: um em 1988 e os restantes um em cada um dos últimos oito anos. Neste momento, além do Adriano, há mais dois seminaristas maiores que são paroquianos de Nossa Senhora da Graça.

A paróquia está estruturada, possuindo actividades específicas nas áreas de pastoral juvenil, social e familiar, entre outras. Os

paroquianos são dinâmicos, assumindo as suas responsabilidades, colaborando com o prior naquilo que se demonstra ser necessário. Por ser a Sé. muita da vida da Diocese passa por lá, parecendo por vezes que a fronteira entre a acção diocesana e paroquial não é muito nítida.

Um testemunho pessoal

Debruçando um olhar retrospectivo sobre o percurso de discernimento vocacional realizado até hoje, e perspectivando já a futura ordenação Sacerdotal, reconheço, simultaneamente, com muita alegria e humildade, quão grande tem sido a fidelidade e o amor de Deus para comigo, em favor do seu povo. *A fidelidade do Senhor é eterna*, diz o Salmo 117, 2b! Face a esta fidelidade e amor de Deus, de que eu sou testemunha, pergunto e respondo a mim mesmo, com o Salmo 116, 12-13: *Como retribuirei ao Senhor todos os benefícios para comigo? Elevarei o cálice da salvação invocando o nome do Senhor.*



CARLOS SILVA

A pessoa

Victor Gonçalves

Como aluno do 5º ano foi-me pedido que escrevesse um artigo para esta revista sobre o Diácono Carlos Silva, que receberá brevemente, se Deus quiser, a ordenação sacerdotal. A tarefa não é fácil mas, com algumas ajudas, tornou-se um pouco menos difícil.

Desde já passo a apresentar o candidato, de nome Carlos Nuno Aleixo Pais Silva, filho de Carlos dos Santos Silva e de Maria Amélia Martins Aleixo Pais Silva, naturais de Lisboa e de Vendas Novas, respectivamente.

Nasceu a 1 de Dezembro de 1972 em Lisboa e é um dos três filhos do casal, por sinal, o mais velho.

Os seus primeiros passos no seio da Igreja foram dados na Igreja de S. João de Deus, apesar da paróquia da sua área de residência ser na altura a do Anjo de Portugal, anexa à do Campo Grande. Foi então lá que a 25 de Março de 1973 passou a ser filho de Deus e desta nossa Igreja, ao ser baptizado.

Com o nascimento do seu irmão João, mudou-se com a família para a Portela de Sacavém.

Fez a sua instrução primária no Externato São Miguel Arcanjo, das Servas da Sagrada Família, onde foi preparado para aí receber pela primeira vez a comunhão eucarística no dia 15 de Junho de 1980.

Desde muito cedo que se lembra de ir passar os seus fins-de-semana a casa dos seus avós paternos, no lugar da Chamboeira, paróquia de Bucelas. É lá que se habitua a "ir para o altar com o senhor prior". Esta sua experiência de serviço litúrgico é recordada com alegria e como uma das suas raízes no desejo de vir a ser presbítero.

Terminada a primária, passou a frequentar as escolas oficiais, primeiro na Portela e depois nos Olivais.

A sua Confirmação aconteceu a 3 de Julho de 1988, quando foi crismado no oratório do nosso Seminário dos Olivais, que na altura servia de Igreja paroquial à Paróquia de Cristo Rei da Portela.

É nesta paróquia que, a partir do seu 12º ano escolar, se inicia como catequista e onde mais tarde assume várias responsabilidades na catequese. Também participou com grande entusiasmo na construção da nova Igreja, e com ele toda a comunidade paroquial.

A sua caminhada estudantil teve então um novo passo, o ingresso na Licenciatura em Química Aplicada na Universidade Nova de Lisboa, curso que recorda com muito agrado, sobretudo pelo bom ambiente que havia entre os seus colegas de turma. Terminado o curso, foi professor de Físico-Química durante quatro anos, em várias escolas da área da Grande Lisboa.

Entretanto, a hipótese de vir a entrar no seminário foi amadurecendo com o tempo. Durante quatro anos este amadurecimento passou pela colaboração no Secretariado da Pastoral das Vocações.

Em 1999 entrou no grupo dos universitários do Pré-Seminário e no dia 17 de Setembro do ano 2000, no Seminário de São José de Caparide. Passados três anos, a 25 de Setembro de 2003, entrou no Seminário de Cristo Rei dos Olivais, onde se encontra.

Durante os últimos quatro anos, prestou colaboração no Pré-Seminário e na Paróquia de São João de Deus.

Em 16 de Março de 2005, foi instituído Leitor, e Acólito em 26 de Março de 2006.

No passado dia 3 de Dezembro de 2006 foi ordenado Diácono pelo Senhor Cardeal Patriarca, para o serviço no Patriarcado de Lisboa.

Acabada a apresentação biográfica do Diácono Carlos Silva, contamos com o contributo do Diácono Valter Malaquias, que sendo colega de jornada está mais "à vontade" para falar no assunto:

Quando entrámos para o Seminário de S. José, o Carlos já tinha dado aulas durante alguns anos, o que lhe valeu o título de "senhor professor", título justificado pela sua disponibilidade para esclarecer dúvidas sobre temas variados.

O Carlos é conhecido por ser um excelente contador de histórias, com uma memória que não falha e que abre os horizontes históricos sempre que passamos pelas ruas de Lisboa, ou noutros passeios por este Portugal fora. Entre muitas outras artes, Carlos é poeta, estando nós já habituados aos seus versos a recordar este ou aquele passeio, esta ou aquela pessoa. Também é típico nele um apurado sentido de humor, e um sentido muito prático das coisas.

É famoso o seu sentido de orientação, preferindo muitas vezes outros caminhos... são famosos os seus "atalhos", e outras perícias automobilísticas, que embora com alguns percalços, não chegam para deitar por terra a excelente folha de serviços e dedicação do Carlos ao Seminário. Mas nós continuamos a acreditar que não é incúria, é azar.

As suas comunidades

A Paróquia de Cristo Rei da Portela foi criada em 1986, sucedendo ao Vicariato Paroquial que existia desde 1977. A Igreja paroquial só viria a ser dedicada pelo Cardeal Patriarca D. António Ribeiro no dia 15 de Novembro de 1992. Até então, a paróquia utilizara instalações do palácio dos Olivais (actualmente Casa Patriarcal) e do Seminário dos Olivais. O Cónego António Janela é o pároco desde 12

de Novembro de 2000, sucedendo ao Cónego João Rocha como quarto pároco. Além do pároco, a equipa pastoral é constituída pelo Padre Manuel Alegria, pelo Cónego Fulgêncio Andrade e pelo Diácono Alberto Castro Ferreira.

Depois do reajuste de fronteiras de 25 de Janeiro último, a população da paróquia rondará as 18000 pessoas, socialmente heterogénea mas com uma maioria de elevado nível de formação académica. Tem cerca de 10% de católicos com prática dominical, sabendo que o êxodo semanal para segundas casas é muito significativo.

O funcionamento da comunidade está estruturado, possuindo um Conselho Pastoral cujo secretariado permanente assessoria o pároco, ajudando a conjugar a acção dos inúmeros movimentos e serviços das áreas da evangelização, da celebração da fé e da prática da caridade. Entre todos, salienta-se a catequese, a Legião de Maria, o grupo de acólitos e a conferência vicentina, pois estruturaram-se e agem desde a época do Vicariato. O pároco estima que a "rede" de praticantes empenhados nalgum grupo paroquial rondará as 350 pessoas. É ainda de notar a atenção dada à celebração litúrgica comunitária, tanto dominical como ferial, integrando nesta os ofícios de Laudes e de Vésperas, e ainda a celebração diária da Reconciliação.

A história recente da Paróquia é marcada também pelas ordenações e missas novas dos Padres Pedro Boléo Tomé, Opus Dei, em 2002 e Alexandre Palma no ano passado. Além do Carlos, há mais um seminarista no quinto ano, o João Vergamota, e um religioso, o André Boléo Tomé. Da comunidade paroquial surgiram também já

dois Diáconos Permanentes, Alberto Castro Ferreira e José Paulo Romero, e há mais um candidato em formação.

No entanto, a experiência comunitária do Carlos não foi feita apenas na Paróquia da Portela, mas também na de Nossa Senhora da Purificação de Bucelas, no Norte rural do concelho de Loures.

Esta Paróquia é servida há muitos anos pelo Padre Eduardo de Freitas cujo apostolado tem visado a constituição de uma comunidade cristã, a partir dos restos de cristianismo que restavam da crise da primeira república.

A paróquia tem uma bela Igreja Matriz quinhentista e três capelas noutras tantas aldeias; entre estas a de Nossa Senhora da Conceição no Freixial tem missa dominical vespertina. Para além da vila, também nas aldeias há grupos de catequese, pequenas células de fidelidade ao amor do Senhor.

No verão passado toda a paróquia se dinamizou para celebrar a festa dos cinquenta anos de sacerdócio do "senhor prior", como quase todos o conhecem, pois o seu ministério já certamente se cruzou com a vida de cada um dos seus paroquianos na catequese ou nas aulas de Religião e Moral, em celebrações sacramentais e certamente pelo interesse amigo que dedica a cada pessoa. O seminarista Bernardo Castelo Branco, do 3º ano do Seminário, tem residência na Paróquia.

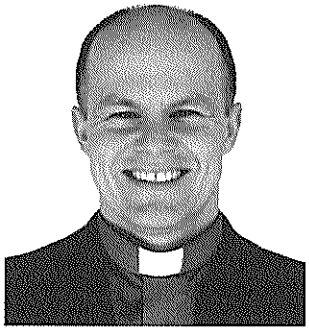
Um testemunho pessoal

...porque os meus olhos viram a salvação... (Lc 2, 30)

Desafiado por essa salvação, resisti durante muito tempo a entregar o meu coração totalmente... resisti e ainda resisto, sempre que ponho reticências aos desafios do Senhor.

Mas experimentei que a salvação, que é acção do Amor que Deus é, é mais arrebatadora que a fraqueza humana e, então, a única resposta de que fui capaz foi «Para o que Tu quiseres!»

Quis-me o Senhor no Seminário. Quer-me agora para seu padre entre os homens que Ele ama, para o que Ele quiser!



DUARTE GUERRA PINTO

A pessoa

Marcelo Boita

A 19 de Junho de 1972 nasce, em S. Domingos de Benfica, Duarte Pinto Coelho Guerra Pinto, filho de João Carlos Guerra Pinto e de Maria Helena Pinto Coelho. Passados alguns meses recebe o baptismo na paróquia de Nossa Senhora da Assunção de Cascais. Continuando a sua caminhada cristã recebe a primeira comunhão na paróquia de Santo António do Estoril e o sacramento da Confirmação na paróquia de São João e São Pedro do Estoril. Aos 11 anos, enquanto frequentava os salesianos de Manique, diz, pela primeira vez, à sua mãe que quer ser padre. A sua vida cristã foi um tanto ou quanto normal até aos 13/14 anos. A partir desta idade afasta-se progressivamente desta vivência e perde as suas referências de Igreja, deixando a prática Dominical.

Este período irá durar até 1996, ano em que se dão dois acontecimentos marcantes que o levaram a questionar nos seus fundamentos o sentido da sua vida e o caminho seguido, iniciando uma caminhada de procura interior que o conduz de novo à Eucaristia: o primeiro é a morte de um seu tio-avô que o leva a pôr em causa o seu caminho, e a procurar o padre que celebrou a missa de 7º dia; o outro acontecimento é o início da vida de trabalho, que imprime um novo ritmo ao seu dia a dia: trabalho durante o dia e frequência do último ano de estudos académicos em regime pós-laboral. Acrescido a tudo isto, é confrontado a nível afectivo com o termo de um tanto ou quanto longo e agitado namoro de quatro anos. Durante este período, nesta sua procura de novas respostas e recursos frente às questões e desafios que se lhe põem neste período, destaca-se a experiência da participação na missa dominical (neste período, ainda não assume esta vivência socialmente). Esta assume progressivamente um lugar central, contribuindo de forma decisiva para restaurar as suas forças semanais e para que o Duarte encontre um novo equilíbrio neste seu exigente panorama pessoal, afectivo e laboral.

Depois, os anos de 1996 até 1998 são de estabilidade no trabalho, em que o Duarte retoma também a sua vida mais "boémia" e social, num crescendo de festas e noitadas. Mas o Duarte, mesmo com olheiras ou directas, desde então já não dispensava a frequência da missa dominical. Nesta contradição, ele sente cada vez mais o fruto da divisão entre fé e vida, e experimenta um cada vez maior vazio interior. Depois, a conversão do seu irmão numa peregrinação a Fátima marca-o bastante, e leva-o também a decidir-se por embarcar

numa dessas aventuras em 1998, com um grupo de peregrinos da paróquia de Santo António do Estoril.

Esse ano de 1998 é o da sua conversão, e a peregrinação a Fátima foi a "gota de água". Duarte vai com poucas intenções, vai apenas para pensar na vida e no seu sentido. Mas esta caminhada acaba por ser o motor da grande mudança. Com a peregrinação, a vida do Duarte dá uma volta de 180°, voltando à Igreja com mais força e empenho. Esta viragem ocorre em termos sociais e espirituais, e esta última dimensão passa a ocupar um lugar central na sua vivência, particularmente de oração. Nisto, o Duarte faz uma caminhada no movimento de Schoenstatt, e aí inicia um percurso de acompanhamento espiritual decisivo. Para além disso, a missa diária, o terço e a leitura e meditação do Evangelho fazem parte desta oração procurada cada vez com maior intensidade. Começa a participar em actividades que vão surgindo, como campos de férias para jovens, organização de arraiais no movimento de Schoenstatt, a participação em acções de voluntariado no Banco Alimentar...

Em Julho de 1998, o Duarte despede-se da empresa onde trabalhava ficando 6 meses à procura de trabalho. Entretanto no mês de Agosto vai até ao México fazer um mês de missão evangelizadora com o movimento dos Legionários de Cristo. Lá faz uma experiência muito marcante, e é aí interpelado por um padre "devias ir para padre", ...não é que o Duarte não tivesse tido esta ideia algumas vezes, mas não lhe dava muita confiança.

A missão que faz no México é uma experiência de grande entusiasmo e alegria. E, chegado a Lisboa, fala com o padre que o acompanhava dizendo-lhe, "meio a tremer", que estava a pensar na

hipótese de uma consagração total a Deus. Assim manifesta-se disposto a discernir se a vontade de Deus para a sua vida passaria por este tipo de entrega. Então é incentivado a continuar esta procura vocacional, mas agora na normalidade da vida quotidiana, mantendo uma intensa vida de oração. Assim procura e encontra um novo trabalho, mantendo a missa diária e a oração do terço, para além dos tempos de oração pessoal no Santuário de Shoenstatt.

A certa altura, durante este ano de discernimento, com conjunto de amigos começa um projecto com o nome de "Bola amiga". Recolhiam bolas de golfe para venda, com cujo produto, mais as cotas dos associados e a organização de torneios de golfe, ajudavam instituições de apoio a crianças desfavorecidas. Nesta Associação acaba por passar os últimos 3 meses antes de entrar no Seminário.

Depois de perceber a confirmação dos sinais para uma vocação de especial consagração por parte do director espiritual, decide, numa peregrinação de bicicleta a S. Tiago de Compostela, dar os passos necessários para a concretizar. E eis que em Setembro de 2000 entra no Seminário Patriarcal de S. José de Caparide. Entra para o seminário diocesano porque se identifica mais com a sua diocese, querendo assim consagrar-se para o seu serviço. Não gosta muito da ideia de ir para fora para a formação, como aconteceria se enveredasse pelo Instituto Secular de Schoenstatt. De facto, o percurso do Duarte foi muito diverso, desde a paróquia de Santo António, com o grupo de peregrinos, passando pela missa dominical nos Salesianos, pela missão nos Legionários de Cristo, por Schoenstatt..., mas como o que o atraía mais era Lisboa fez-lhe mais sentido a sua presença e vocação ao serviço da sua diocese de Lisboa. Ao chegar ao Seminário entra

também para o 1º ano de Teologia na Universidade Católica Portuguesa.

Acabados os três anos de formação no Seminário de S. José de Caparide, o Duarte entra na última etapa de formação para o sacerdócio no Seminário dos Olivais. Aqui, iniciando uma formação mais pastoral, os seminaristas contactam mais de perto com a realidade pastoral de uma paróquia concreta. Nos dois primeiros anos está na paróquia de Cristo Rei da Portela e nestes últimos encontra-se na paróquia de Nossa Senhora Rainha dos Apóstolos da Ramada. Neste percurso até ao sacerdócio, recebe a instituição de Leitor a 16 de Março de 2005 e no ano seguinte a de Acólito no dia 26 de Março de 2006, por fim, no passado mês de Dezembro é ordenado Diácono e no próximo mês de Julho será ordenado Padre.

Duarte é um homem entregue ao Senhor e nota-se que a sua vida é uma vida toda entregue a Jesus. Vendo o seu percurso torna-se evidente que a sua vida é fruto duma caminhada, de uma caminhada forte, de uma conversão verdadeira do coração. Nota-se que é um homem que reza aquilo que vive, sendo a sua vida fruto dessa oração. É muito ponderado, verdadeiro e maduro, sendo às vezes tímido e discreto. A presença do Duarte é um importante testemunho para todos nós: e mesmo se às vezes é distraído, é porque está concentrado no essencial, Jesus Cristo.

As suas comunidades

A Paróquia do Estoril foi criada em 1929 com o nome de Santo António dos Estoris. Em 1973 foi dividida em duas, Santo António do

Estoril e São Pedro e São João do Estoril. Nestes 78 anos, esteve entregue aos cuidados pastorais de quatro párocos: Monsenhor Moita, Cónego Manuel Sousa, Padre Armindo Garcia e Padre António Fernando Teixeira, que tomou posse no passado dia 1 de Outubro.

A paróquia acolhe numerosos serviços, movimentos e obras, entre os quais se destacam a catequese infantil e de adolescentes (cerca de 800 inscritos), os campos de férias para jovens, CPM's, CPB's, o Centro Paroquial do Estoril e a sua alargada acção pastoral social, as Equipas de Jovens de Nossa Senhora e Equipas de Nossa Senhora. A paróquia está ainda empenhada no projecto de construção da futura Igreja – o Santuário de Nossa Senhora da Boa Nova –, projecto onde se investem esforços de vária ordem.

O sempre atencioso prior de Peniche, Monsenhor Manuel Bastos Sousa, e o jovem Padre Duarte Sousa Lara, da Diocese de Lamego, são ambos oriundos da paróquia.

*

O Duarte pediu que fosse inserido este apontamento sobre a paróquia de Cascais:

> *Vivi desde os meus cinco anos na paróquia do Estoril e dela saí para entrar no Seminário de São José de Caparide. Este pequeno apontamento pretende fazer justiça (se isso alguma vez fosse possível) também àquilo que foi e significou a Paróquia de Cascais no meu percurso vocacional mais recente. Assim, há cerca de três anos atrás (2003-2004) a minha mãe foi viver para Cascais, e foi aí que comecei a passar as minhas férias do Seminário. Vivia eu também momentos decisivos de discernimento*

vocacional. Foi então que conheci o Prior de Cascais, o Padre Raul Cardoso, que me abriu as portas da paróquia e sobretudo do seu coração. Ministro da surpresa de Deus, sou excepcionalmente acolhido por este pastor. Dá-me a sua mão: apresentando-me à comunidade; convidando-me para exercer os diversos serviços de leitor e de acólito na paróquia; mas sobretudo pelo seu apelo constante à oração da comunidade pelo meu caminho de especial consagração.»

Um testemunho pessoal

Vocação, o ponto de encontro entre fé e vida. Tão simples e misterioso quanto isso. Tão próximo e transcendente. É a admissão do Protagonista principal na história de alguém. Consentir o Amor, a Verdade e o Bem, todos reunidos na novidade da Misericórdia. Escutar o silêncio que sussurra a companhia de Jesus em contornos insuspeitos. Adensar-se nas entrelinhas do espaço e do tempo transfigurados, no sacerdócio feito do passo a passo peregrino. Por fim, a radicalidade amparada pela ternura da Mãe, na loucura do mar adentro da Cruz invencível.



FILIPE SOUSA

A pessoa

Daniel Almeida

Filipe Sousa é o nome do benjamim do curso finalista, Madre Teresa de Calcutá. Como se não bastasse, por um pouco que nasceria também no dia de "Deus Infante": foi a 23 de Dezembro de 1982 que Espinhoso viu nascer mais um dos seus filhos. Filho de João Francisco Alves de Sousa e de Maria de Fátima Miranda Gomes Sousa Natural de Espinhoso, freguesia de Candedo, distrito e diocese de Bragança, terra que o viu nascer, não só para a vida humana, como também para a vida cristã a 13 de Fevereiro de 1983.

Mas a terra que viu os seus pais contraírem matrimónio e o viu nascer, desde cedo também os viu partir para Mafra. A família Sousa deslocou-se para o Sul porque o Sr. João, que faz parte do corpo da Guarda Nacional Republicana, foi para esta vila transferido. Contudo,

a família Sousa nunca perdeu o seu cordão umbilical, pois vai com alguma frequência a Espinhoso para visitar a família e descansar um pouco.

Se no curso o Filipe é o benjamim, não o é na sua família. Ele é o primogénito de mais dois irmãos: o Tiago Manuel, nascido em 1985 e a Ana Isabel, nascida em 1993.

Mas se o Filipe não é "mafarrico" de origem – com todo o respeito, não se deixa por menos, pois encontramos nele uma forte ligação à terra que o viu nascer – em Mafra "cresceu em estatura e graça". Aí frequentou a catequese, aí fez a 1ª comunhão, a profissão de fé e o Crisma. Em Mafra cresceu, estudou e brincou. De entre as brincadeiras e os jogos tinha o futebol como actividade preferida (ainda hoje se entusiasma muito nos jogos de futebol). Outras actividades preferidas vão da leitura, neste campo tem uma grande preferência por autores portugueses sobretudo José Saramago e Miguel Torga, aos filmes de comédia e outros. Fez os seus estudos primários, preparatórios e quase todos os do secundário em Mafra.

Mas quando estava para terminar o secundário em Mafra, uma outra história da sua vida estava a ser gerada. Afinal, quando se previa o fim das suas "viagens" por este país, o Senhor propôs-lhe "mudar de rumo". Tudo começou no seu 8º ano quando conheceu o actual Padre Ricardo Jacinto, também natural de Mafra, e o então prior, Padre Fialho.

O Senhor Jesus, por estes Padres, fez chegar ao pequeno Filipe uma "intrigante" notícia que, então, o desafiou a uma nova aventura. Foi convidado a ir a um encontro do Pré Seminário, no Verão. Não

fazia, então, a menor ideia do que poderia acontecer. Aceitou ir, não com muito à vontade mas foi. Na altura foi com um amigo que lhe deu ânimo para ir a esse encontro.

O amigo não ficou no "Pré". Mas ao Filipe foi lançado o convite de entrar no Pré para conhecer mais de perto o Senhor Jesus, procurando "ver" qual o projecto de vida que o Senhor tinha sonhado para ele. Após ter aceite o convite, andou no "Pré" durante 4 anos. Até que a 14 de Setembro de 1999 entrou no Seminário Menor de Penafirme, aquando da sua reabertura, no qual frequentou o 12º ano.

No dia 17 de Setembro de 2000 entrou no Seminário Patriarcal de S. José de Caparide, onde começou os estudos teológicos na Universidade Católica até 2001. Transitou para o Seminário de Cristo Rei (Olivais) em 2003. Neste Seminário recebeu a instituição de Leitor a 16 de Março de 2005 e de Acólito a 26 de Março de 2006. Também neste ano acabou a sua licenciatura em Teologia.

Estamos agora em 2007 e a formação no Seminário está quase terminada, pelo que estamos prestes a encontrar o Filipe a começar outra nova caminhada, na sua nova missão junto daqueles a quem o Bispo o enviar. Para isso recebeu a ordenação no grau de Diácono em 3 de Dezembro de 2006 e receberá a ordenação sacerdotal, se Deus quiser, no dia 1 de Julho, celebrando missa nova no dia 8 de Julho, em Mafra.

Dá gosto estar com o Filipe porque é um rapaz com muito boa disposição; aliás, se há risos que mais habitem nesta casa, são os seus (muito característicos). Tem a qualidade de ser prestável, oportuno e modesto no falar. Nunca o ouvi a falar mal de alguém, aliás tem como

característica falar abertamente do que tem a dizer, sem quaisquer preconceitos, usando sempre da caridade e da simpatia que é. Simplesmente fiel e dedicado, até nas tarefas mais difíceis, das quais nunca o ouvi queixar-se ou desistir. Até para estas tarefas encontra sempre uma nova coragem. Coragem esta própria de confiar totalmente em Deus. Diz ele, confidencialmente o partilho, que "Deus nunca, nunca nos abandona".

Não precisa de muito para tomar conhecimento das pessoas, o que é próprio de quem procura a delicadeza. Digamos que o seu testemunho passa obrigatoriamente por uma presença bem disposta, mas ao mesmo tempo admiravelmente discreta. Tudo isto é dom que Deus lhe tem dado ao longo da sua vida. Por aqui vemos como o Senhor o tem ajudado com uma fé forte e decidida. É assim que encontramos o Filipe enquadrado no lugar certo da obra que Deus tem sonhado para ele e para a Igreja.

A sua comunidade

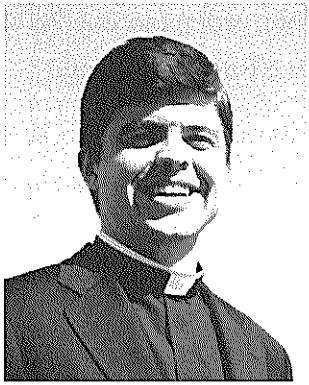
A fundação da paróquia de Santo André de Mafra perde-se algures na Idade Média, antiguidade testemunhada pela bela Igreja gótica que se conserva e pela notícia de que o Padre Pedro Julião terá sido aqui prior, antes de subir ao sólio pontifício e tomar o nome papal de João XXI. Além da sede, na monumental Basílica barroca e da vetusta Igreja de Santo André, a paróquia tem outros seis lugares de culto nos arredores da vila. Actualmente a comunidade é paroquiada pelo Padre Luís Barros.

Entre os serviços, movimentos e obras da paróquia encontram-se numerosos grupos, dedicados à evangelização, à acção missionária, à pastoral sacramental, ao acompanhamento dos jovens, bem como as duas conferências vicentinas e a Irmandade do Santíssimo Sacramento.

Oriundos da paróquia e em serviço apostólico são os padres Joaquim Batalha, Armindo Reis, Ricardo Franco e Ricardo Jacinto, todos do clero diocesano de Lisboa, e o Padre Leitão, vicentino. Na paróquia, a pastoral vocacional está bem fundada na oração semanal em todos os lugares de culto.

Um testemunho pessoal

O cristão que sou hoje devo-o a duas "escolas", para as quais Deus me conduziu, qual Pai que dá o melhor aos seus filhos: a minha família, mormente os meus pais e irmãos, com raízes em Trás-os-Montes e em Mafra; e depois o Seminário, ou melhor, os Seminários do Patriarcado de Lisboa. A ambas não sei como dizer obrigado, mas a Deus, em quem a Palavra é sinónimo de Verdade, quero dedicar a minha vida. Assim Deus me ajude!



JOÃO SOBREIRO

A pessoa

António Estêvão

O que o Senhor nos pede é a fé, a entrega, a capacidade de nos deixarmos amar.[1]

A história de uma vocação no fundo pode resumir-se a este percurso de alguém que na fé aceita o convite do Senhor e que consequentemente se entrega ao amor com que Ele nos ama. A história de João Carlos Abreu Sobreiro manifesta a progressão nesta capacidade de se deixar amar por Aquele que o chamou.

O João nasceu a 23 de Agosto de 1982, filho de António Tibúrcio Sobreiro e de Maria Eduarda Tavares Abreu Sobreiro. Desta família fazem parte ainda os seus irmãos Emanuel António Abreu Sobreiro, Anabela Abreu Sobreiro, falecida, e Jorge Miguel Abreu

[1] Prefácio de Matilde Paes Parente à obra *Se tu soubesses o dom de Deus*, de Luís Rocha e Melo, SJ.

Sobreiro (este é Sacerdote ordenado em 2004 e actualmente pároco das paróquias da Azueira e Enxara do Bispo).

A história de Deus com ele iniciou-se com o seu baptismo no dia da Imaculada Conceição do ano em que nasceu, na paróquia de São Silvestre de A-dos-Francos, donde é natural. Nascido de uma família cristã continuou a sua história com Deus que ia crescendo com o testemunho da presença activa de Cristo na sua família. Destes primeiros anos recorda a missa nova do padre João Nogueira e a oração do terço em família. Recorda também a oração constante de seu avô pelas vocações, também pedindo a Deus um neto padre, dom concedido e aumentado, pois Deus conceder-lhe-á a graça de ter dois netos Sacerdotes.

A sua vida cristã continuou na paróquia onde frequentou a catequese e integrou o grupo de acólitos como também os grupos de jovens. Da vida comunitária destaca a importância do testemunho de alegria de ser padre, de disponibilidade para o serviço, da espontaneidade de relação, características que apreciou muito no Padre José Luís, único com quem jogava futebol.

Quando tinha doze anos, o João e o seu irmão Jorge são convidados para o Pré-Seminário pelo Padre João Brás. Dos dois, é o primeiro a responder afirmativamente ao pedido. Fez uma longa caminhada, permanecendo e caminhando progressivamente no Pré-Seminário durante seis anos. Deste tempo o João destaca a descoberta do amor de Deus que foi acontecendo sobretudo no Sacramento da Reconciliação, mas também na Igreja e naqueles que com ele caminhavam, apoiados também no testemunho do amor de Deus pela sua Igreja manifestado no padre Mário Rui que os acompanhava no

Pré-Seminário. É no "pré" que também descobre uma Igreja viva e actuante que vai mais além do que a sua paróquia e daqueles que a constituem. Durante todo este tempo ele vai dando pequenos passos de descoberta, de crescimento, mas também de entrega e de reconhecimento do amor de Deus por ele tal como era e, com tudo isto, vence o medo que o impedia de dar passos mais largos e no ano do grande Jubileu entra para o Seminário de São José de Caparide.

Do Seminário de São José de Caparide, onde esteve durante três anos, recorda momentos muito belos, marcados pela experiência da cruz. Este tempo de cruz foi sobretudo um tempo de reconciliação com a sua história e de descoberta do amor de Deus, o que envolveu a aceitação dos seus próprios limites e imperfeições. No entanto, nestes anos destaca a descoberta dos irmãos que formavam aquela comunidade num esforço contínuo de saída de si e de ida ao encontro da presença de Cristo naqueles com quem vivia. Foi neste caminho que o João foi descobrindo o realismo do Corpo de Cristo formado por pessoas concretas com quem tinha que construir esse mesmo Corpo de Cristo, mesmo que houvesse dificuldades na relação.

Já no Seminário dos Olivais, o João continua a aprofundar a descoberta deste realismo do Corpo de Cristo principalmente nas pessoas com quem partilha a sua vida e a sua entrega no seu serviço pastoral nas Paróquias do Milharado, Vila Franca do Rosário e Gradil e também no Pré-Seminário. Nelas sente o apelo constante de Deus a servir a Igreja nessas mesmas pessoas; com elas vai descobrindo a oração concreta pelo povo de Deus, mas também o desafio de ser constantemente um meio privilegiado para que elas descobrem o segredo de Deus para as suas vidas.

A sua caminhada pelos seminários é marcada por esta descoberta constante da capacidade de deixar-se amar tal como é por Aquele que vem continuamente ao seu encontro, independentemente das suas qualidades ou defeitos, mas que dele exige passos concretos no amor àqueles que com ele caminham, àqueles que serve no trabalho pastoral, bem como no estudo, onde o esforço de dizer Deus foi aliado à oração num caminho de preparação para servir bem a Igreja.

Estes últimos anos de caminho têm sido marcados pela palavra de Isaías que diz «*É na conversão e na calma que está a vossa Salvação; a tranquilidade e a confiança são a vossa fortaleza*» (Is 30, 15). Testemunha que esta mesma palavra se realiza na vida do seu irmão Jorge, já ordenado, e que tem sido uma presença discreta, mas de alguém que na retaguarda reza e acompanha constantemente o irmão, desejoso que este receba a graça de Deus tal como ele mesmo a recebeu. Do padre Jorge realça a importância do testemunho de entrega, de alegria e de confiança de quem tem a sua força em Cristo, que tudo pode.

Da sua personalidade, o João descreve-se como homem fraco, mas confiado na graça de Deus. Ainda que muitas vezes esteja ainda apenas seguro naquilo que faz, sente o desafio a apoiar-se cada vez mais em Deus. Além disso, tem-se também como uma pessoa espontânea, alegre e muito feliz no caminho que vai percorrendo. Aqueles que com ele partilham os dias e as actividades pastorais realçam a sua alegria constante, a sua sempre pronta disposição e atenção para ouvir e ajudar nas dificuldades. É alguém que vive os problemas daqueles que partilham a sua vida, mas que também muitas vezes o ouvem a propósito ou a despropósito, na sua espontaneidade de expressão, pela qual fala com palavras já vividas na busca da sua

santidade e da daqueles que com ele caminham. Constatamos nele alguém que ora constantemente pelo povo de Deus concreto, nunca se esquecendo de rezar por aquilo ou por aqueles em que a vida concreta da Igreja se vai realizando.

A passos largos no caminho para o presbiterado, o João constata a beleza da comunhão no presbitério que vai integrar e olha-o com esperança, mas também como desafio e como certeza de algo que já é realizado mas desafiante a que se torne cada vez mais efectiva.

A caminho da ordenação Sacerdotal, todos caminhamos com ele na oração e na comunhão, que continuará também pela vida fora nas comunidades onde ele gastará a sua vida ao serviço da Igreja.

A sua comunidade

A-dos-Francos é uma paróquia rural do concelho das Caldas da Rainha, com cerca de 1800 habitantes, cuja décima parte será praticante regular. A presença cristã é antiga, testemunhada pela Igreja paroquial e pelas três capelas, bem como por algumas das suas imagens e alfaias litúrgicas. Igreja e capelas são referências nos povoados, espaços de oração e de celebração comunitária da fé. As relações da comunidade cristã com as instituições cívicas da freguesia são boas, havendo uma colaboração concretizada na acção do Centro Social.

A história da paróquia é ainda hoje marcada pela presença e cuidado pastoral do Padre José Simões, que foi pároco cerca de cinquenta anos na primeira metade do século passado. Oriundos da

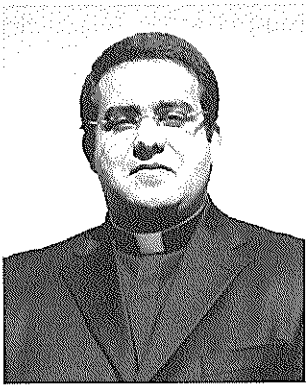
paróquia são os Padres Sobreiro (ordenado em 1950 e já defunto) e João Nogueira (ordenado em 1988). Ultimamente, a ordenação do Padre Jorge Sobreiro em 2004 e a expectativa da do seu irmão João desafiam a comunidade humana e cristã para o valor da dádiva gratuita da vida, ajudando-a a abrir-se à coerência da fé. A abertura e a sensibilidade são frutos da acção pastoral dos párocos que aqui se têm entregue verdadeiramente às pessoas a que são enviados.

Além da Igreja e das capelas, a paróquia dispõe do Centro Pastoral, espaço que acolhe a catequese e as reuniões do grupo de jovens e da catequese de adultos, e também outras de cariz religioso, bem como eventos da comunidade humana local. Mensalmente a comunidade faz um tempo de oração mais prolongado, em que o silêncio e a Reconciliação são espaços de aproximação orante do Senhor que chama ao serviço.

Um testemunho pessoal

«Que pretendeis?» Eles disseram-lhe: «Rabi – que quer dizer Mestre – onde moras?» Ele respondeu-lhes: «Vinde e vereis.» (Jo, 1, 38-39)

Seduzido por este apelo de Cristo que me convidava a segui-Lo, fui ver onde morava. O Seminário foi o lugar onde O encontrei. Aí descobri a sua presença muito viva na comunidade, a sua Vida a manifestar-se na história de cada um. E, sobretudo, descobri a sua Misericórdia e a sua Igreja, das quais me tornou ministro.



PEDRO DIONÍSIO

A pessoa

Élio Gomes

O Pedro Dionísio é natural da Paróquia de Pedrógão, nasceu a 25 de Outubro de 1979, é filho de João Conde Dionísio e de Emília Maria Silva Cândido Dionísio. Foi baptizado e fez todo o seu percurso de iniciação cristã na mesma paróquia de Pedrógão, Diocese de Santarém.

Fez um percurso normal de catequese, como todos os rapazes da sua idade, e no ano em que se preparava para receber o Sacramento da Confirmação, recebeu o convite para fazer a experiência do Pré-Seminário, o qual aceitou. "Nesses anos de Pré-Seminário, além dos padres que me acompanharam, também foram importantes, outras pessoas como o meu prior, Padre João Guerra, e muitos outros que no anonimato rezaram por mim".

Entrou para o Seminário de Nossa Senhora da Graça no ano lectivo de 1999/2000. Tudo era novidade: a casa, os colegas, a nova forma de viver, a vida comunitária própria do Seminário, a escola. Foi um ano que jamais esquecerá, afirma o próprio, pois esse início de vida de Seminário marcou-o muito. De entre as coisas que o marcaram nesse ano de seminário, partilha a entrega generosa e disponível dos padres formadores ao Senhor e à sua Igreja. Diz que foi aí que aprendeu a dizer "sim", à imagem de Maria, a cheia de Graça, e a desenvolver as virtudes humanas, nas quais a vocação havia de se alicerçar.

Entre os anos 2000 e 2003 esteve no Seminário Patriarcal de S. José de Caparide, também chamado Seminário Vocacional. Uma nova etapa de Seminário e de formação começou nesse grande Ano Jubilar que foi o ano 2000.

Aponta que foi lá que a sua relação com o Senhor foi crescendo através de uma maior fidelidade à oração e meditação da Palavra de Deus, que a formação do Seminário lhe propunha diariamente. Refere que nem sempre esta fidelidade foi fácil, porém, a atitude de escuta foi importante para os passos que foi dando nesta entrega e na intimidade com o Senhor. Salienta em especial que a entrada na Faculdade de Teologia e a experiência comunitária mais intensa e vivida foram realidades novas de uma nova vida com que se deparou.

No Seminário dos Olivais, onde entrou no ano lectivo de 2003/2004, tem aprendido a configurar-se com Cristo, procurando ter um coração de Pastor.

O Pedro, ao falar do Seminário dos Olivais, diz-nos:

Gostaria de pôr em destaque a importância da direcção espiritual nas suas quatro etapas que coincidem com os quatro últimos anos. Primeira: o conhecer-me a mim mesmo; segunda: olhar para o irmão da comunidade com os olhos de Cristo; terceira: identificação com Cristo Servo; e por último: o ser Sacerdote. Todas estas etapas me marcaram muito, acima de tudo porque fui interiorizando o Amor de Deus por mim e cada um daqueles que não têm medo de dar resposta àquela pergunta de Jesus: «Tu, amas-Me?».

Realça que o Seminário dá a possibilidade de fazer uma experiência pastoral numa comunidade. Ele fez esta experiência na Golegã, onde esteve dois anos, e este é o segundo ano que está na zona pastoral do Cartaxo. Têm sido momentos muito densos porque tem aprendido a generosidade de tantas pessoas que dão o seu melhor no serviço aos irmãos. Aqui "aprende" a dar importância a gestos pequenos, mas não menos importantes que as grandes decisões, descobrindo assim quão grande é o amor das comunidades cristãs pelos Seminários e pelos Pastores.

Ao longo destes anos passou por muitas comunidades da Diocese. Foram muitas e belas as experiências em paróquias, o contacto com os seus pastores e com a riqueza que é a diversidade da sua Diocese. Foram igualmente muito importantes os testemunhos de inúmeros cristãos com quem contactou pelo amor e dedicação que têm pela Igreja e a ela se entregam, procurando enraizar a sua fé em Cristo. Foi nesta etapa do Seminário que começaram os verdadeiros confrontos com o que significa ser homem, ser cristão e ser Pastor.

Pedro afirma que a sua resposta ao Senhor nem sempre foi fácil, tendo consciência de nem sempre ter sido aquela que o Senhor esperaria.

Partilha também o quanto foram importantes os seus colegas de Seminário, quer os do seu curso, quer os que em anos diferentes partilharam esta caminhada ao encontro do Senhor:

> *Os meus colegas também tiveram um papel preponderante neste meu caminho. Com eles tenho partilhado as alegrias e tristezas, as angústias e os momentos de felicidade, os tempos de deserto, todos os momentos que são o nosso dia a dia no Seminário.*

Dá graças a Deus por tudo o que ao longo destes anos foi aprendendo a viver e a ser nos Seminários, pois constantemente o Senhor o chama a sair de si próprio para ir ao encontro dos outros.

Ao perguntar-lhe o que sente neste momento, depois da ordenação diaconal e próximo da ordenação de presbítero, responde com um sorriso:

> *A primeira coisa que sinto é a grandeza do Amor misericordioso que Deus tem pelos seus filhos, e muito concretamente por mim. A ordenação que se aproxima não é obra minha, é obra de Deus e dos instrumentos de que Ele se serviu ao longo destes anos. Sinto para com o Senhor uma enorme gratidão, porque Ele quer servir-Se de pessoas frágeis. Tenho consciência das minhas fragilidades, porém a confiança no Senhor é grande. Também tenho pensado muito e meditado como é bela a nossa história e o caminho que Jesus faz com cada um de nós.*

As palavras por vezes não nos deixam transmitir aquilo que vai no coração, assim também aconteceu quanto estava a entrevistar o Pedro, o que mais gostaria de partilhar é esta grande alegria, que não é só dele mas de todos aqueles que constantemente e sem cessar rogam ao Senhor da Messe que envie operários para a Sua Messe.

Será ordenado Padre a 15 de Julho de 2007, em Santarém, por D. Manuel Pelino e celebrará a sua missa nova na tarde do dia 29 de Julho.

É, pois, com alegria que vemos um colega chegar a esta fase. Neste partilhar do dia a dia de Seminário vemos o crescimento dos nossos colegas; assim, podemos testemunhar com verdade a alegria com que o Pedro está a chegar ao sacerdócio.

A sua comunidade

Até 1876, existia no começo das encostas da Serra d'Aire a freguesia de Santa Maria da Serra do Alqueidão. Nessa data a paróquia foi transferida para o lugar do Pedrógão, ficando dedicada também a São Jcão Baptista. Daqui têm saído muitos padres, dos quais se mantêm activos os Padres Manuel Pedro Branco, Joaquim Venâncio e Joaquim Ganhão. Também originária do Pedrógão é uma irmã religiosa.

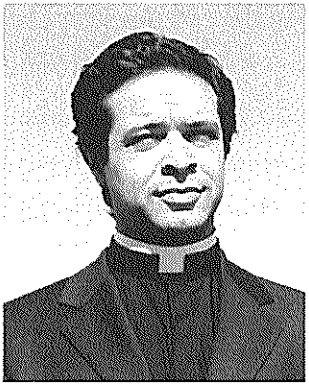
A paróquia conta com a Igreja e outros quatro lugares de culto, onde se dá catequese e se celebra a fé. Emblemático da iniciativa dos cristãos na sociedade é o Centro de Assistência Paroquial do Pedrógão, que disponibiliza apoio concreto a crianças e idosos. Desde

1994 que a paróquia está entregue aos cuidados do Padre João Rabuge Guerra. No passado Verão, o Senhor Bispo de Santarém nomeou pároco *in solidum* o Padre Luís Gualdino. Além dos serviços litúrgicos e de catequese, na paróquia há também um grupo de apoio às vocações e um núcleo da Legião de Maria.

Um testemunho pessoal

De todo o coração Vos quero louvar e contar todas as vossas maravilhas
Quero alegrar-me e exultar em Vós, quero cantar o vosso nome, ó Altíssimo.

Partilho a grandeza, o amor e a ternura de Deus a acontecer na minha vida. Dou graças a Deus por todas as maravilhas, e têm sido muitas, que me tem concedido. Acolho com alegria, entusiasmo e humildade o dom do sacerdócio, reconhecendo que serei somente um instrumento do Seu Amor misericordioso para com o Seu Povo.



RICARDO CONCEIÇÃO

A pessoa

João Gonçalves

Natural da Paróquia de Alcobertas, Ricardo Alexandre Ferreira Conceição nasce no dia 3 de Julho de 1981. Baptizado a 8 de Novembro de 1981, é educado numa família que o inseriu na comunidade cristã da sua paróquia. Entra para a catequese infantil, percorrendo os 10 anos normais de catequese. Durante esta sua formação catequética, hauriu do seu pároco de então, Padre João Guerra, a simplicidade de uma vida totalmente entregue à Igreja. A comunidade paroquial de Alcobertas sempre demonstrou respeito e admiração pelos padres, sendo uma comunidade viva e empenhada na vivência da fé cristã. Depois dos seus 10 anos de catequese, frequenta ainda durante um ano um grupo de jovens com o intuito de se preparar para o Sacramento do Crisma.

Nos últimos anos da catequese, pela presença de um padre jovem que tinha tomado posse na sua paróquia, Ricardo vê no mesmo um testemunho tremendo e radical de uma alegria 'diferente'. Esta alegria brota, em primeiro lugar, de alguém que se sente amado pelo Senhor, e que faz da sua vida uma oblação agradável a Deus. Depois é todo um dia-a-dia, onde se testemunha a vida nova de Cristo, seguindo-o de mais perto. A partir desta altura, surgem as questões vocacionais. Começa a ser acompanhado pelo Padre João António (seu actual pároco) e pela equipa formadora do Seminário de S. José de Caparide, na altura Seminário Menor de Lisboa.

Por decisão de ambas as partes, Ricardo ingressa no seminário no dia 14 de Setembro de 1998. Está um ano no Seminário de S. José de Caparide e um ano no Seminário de Penafirme (etapa formativa do Seminário Menor) No início desta etapa, recebe o sacramento do Crisma, no dia 25 de Abril de 1999.

A passagem para o Seminário Maior dá-se no dia 17 de Setembro de 2000, já nas instalações do Seminário de Caparide. Aí permanece durante 3 anos. Ingressa na Faculdade de Teologia, começando os seus estudos mais específicos de teor filosófico e teológico. Neste tempo de formação, procura-se discernir o chamamento de Deus a uma vida sacerdotal. Por essa razão, vive-se um tempo mais voltado para a reflexão e aprofundamento da nossa fé e da nossa vocação.

Seguindo um percurso normal, passa para o Seminário Maior dos Olivais no ano lectivo de 2003/2004. Aqui, nesta sua etapa de Formação Pastoral, é-lhe proporcionado um contacto específico com algumas realidades paroquiais da sua Diocese. É-lhe atribuído um

trabalho pastoral, que tem como objectivo, ajudar o seminarista a ver o dia-a-dia de um sacerdote: poder beber das suas alegrias e tristezas, comungar das suas motivações e fracassos, delinear planos de acção e conhecer a realidade eclesial da sua Diocese. Nos primeiros dois anos, esteve na zona pastoral do Cartaxo e os últimos dois nas comunidades paroquiais de Alcanena e Moitas Venda.

Nesta caminhada gradual para o sacerdócio, Ricardo Conceição recebe a instituição de Leitor no dia 9 de Janeiro de 2005, a de Acólito a 7 de Dezembro do mesmo ano e é ordenado Diácono no dia 7 de Janeiro de 2007.

Estes são os dados que a maioria pôde constatar, sabendo que no íntimo do seu coração o Senhor age, ama, perdoa, conforta, sustenta, impele e converte. Mas como é conhecido o Diácono Ricardo Conceição?

Aqueles que de mais perto privam com ele, facilmente afirmam que é uma pessoa dinâmica, brincalhona e exigente consigo próprio e com os outros. Tem um sorriso afável, contraposto muitas vezes por um olhar e expressão facial sérios. Amigo, procura para o outro e para si mesmo, ser melhor naquilo que faz e naquilo em que coloca a sua vida. Sendo simpático, cria com facilidade uma relação amiga com as pessoas.

Mas o que é que ele diz de si próprio?...

Questionado, responde que é uma pessoa exigente consigo própria, tendo presente as suas limitações e defeitos e que sofre com os erros cometidos. Afirma que gosta de falar de Deus às pessoas, seja em público ou em conversa pessoal. É um apaixonado pela liturgia, do

primeiro lugar a persistência. O Rui é um homem de convicções fortes e por vezes as causas aparentemente difíceis são defendidas por ele. Um outro traço da sua personalidade é o sentido de obediência e de fidelidade. Ao longo da vida de Seminário esta tem sido uma descoberta na relação com a equipa formadora e com os colegas. Uma característica importante no Rui é também a preocupação pelos outros. Esta capacidade de doação tenho-a experimentado não só no trabalho pastoral que com ele partilho, mas também na vida do Seminário.

Este período que agora termina, o tempo de Seminário, situa-se numa encruzilhada. É um final da formação do Seminário onde recebemos instrumentos importantes para a vida e ministério do Padre. Neste tempo são-nos dadas a experimentar coisas importantes e preciosas. Mas este é um tesouro que, tendo sido descoberto no Seminário, não é para ficar fechado. O anúncio e a missão fazem agora parte da vida do Rui. É essa a tarefa que o Senhor dá aos que chama para o serviço do Reino.

A sua comunidade

A paróquia de São José de Algueirão-Mem Martins foi criada em 1 de Janeiro de 1960. A Igreja paroquial iniciou as suas funções no Verão seguinte.

Com a explosão urbanística verificada em toda a 'linha de Sintra', o território desta paróquia viu-se habitado por cada vez mais pessoas, habitando nos milhares de prédios que foram sendo construídos. Actualmente crê-se que a sua população ronde a centena

de milhares! Atenta ao crescimento demográfico, a comunidade cristã tem-se organizado, surgindo e desenvolvendo-se os núcleos de Mem-Martins e das Mercês, em que acontece de tudo um pouco o que é comum às paróquias individuais. A paróquia está entregue aos cuidados pastorais do Padre Mário Pais desde Setembro de 2002. Para servir esta comunidade tão grande, o Prior conta com a colaboração de dois coadjutores, os Padres José Tholanickal e Joaquim Gonçalves, e do Diácono Ilídio Sousa.

As áreas de acção prioritária são a Pastoral da Evangelização (com mais de uma centena de catecúmenos) e a Pastoral Catequética, dirigida às diferentes faixas etárias da grande população.

Oriundos desta paróquia são os Padres Jorge Doutor e Hélder, missionário da Consolata, cujas ordenações foram marcos importantes neste quase meio século de vida paroquial.

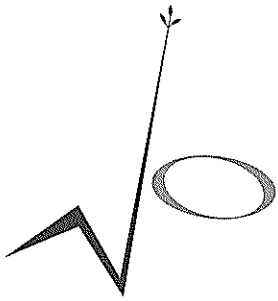
Um testemunho pessoal

Seminário: é tempo da persistência de Cristo, que não desiste de me associar à sua Cruz e, na força do Espírito, me mover das minhas fraquezas, fazendo de mim um instrumento do seu desejo de felicidade para todos os homens, para que todos possam conhecer o Deus vivo, Pai de amor e perdão.

Um testemunho pessoal

Permanecei em mim que eu permaneço em vós. Tal como o ramo não pode dar fruto por si mesmo, mas só permanecendo na videira, assim acontecerá convosco se não permanecerdes em mim. (Jo, 15, 4)

Todo o capítulo 15 de S. João tem sido, ao longo destes anos, uma página que me ajuda a olhar Jesus Cristo e a Igreja como uma realidade de união da qual me alegro de fazer parte. Vou percebendo, cada vez com mais clareza, que a minha vida se joga neste essencial que é estar unido a Cristo, numa união que alarga o coração e o torna universal. Amar cada pessoa com o amor de Cristo é o que sempre peço ao Senhor; que me ajude a servi-l'O sempre nos irmãos, para sua maior glória. 



O ITINERÁRIO DA VOCAÇÃO
(CATEQUESE SOBRE A VOCAÇÃO)[1]

Equipa pastoral do Pré-Seminário de Lisboa

A vocação, como o nome indica, consiste num chamamento, algo que não tem a sua fonte em nós, mas vindo de fora, de outrem, apresenta-se à nossa liberdade como apelo, como convite, a reclamar adesão/resposta livre.

Ela é sempre uma história de um diálogo entre Deus e o homem. Uma história nunca acabada mas vivida como itinerário, cujo progresso tem a ver com a nossa resposta permanente ao apelo constante de Deus.

[1] Estas pistas de reflexão têm por base o V esquema de catequese sobre a vocação da colectânea *Deus chama*, publicada pelo Patriarcado de Lisboa em 2002.

Esta catequese pretende, de certo modo, apresentar quatro momentos de que se pode revestir uma história vocacional:

1. Chamado a quê: à vida, à santidade, à missão;
2. Quando sou chamado: uma pré-história;
3. Como sou chamado: é Deus quem escolhe e chama;
4. Para que é que sou chamado: Deus chama para estar com Ele;
5. Porque sou chamado: Deus chama porque ama o seu povo.

Estes momentos podem ser desenvolvidos em vários encontros e apresentados segundo uma dinâmica de jogo catequético:

- Lançamento dum desafio, duma actividade que ilustre esse momento (ver as actividades propostas em: *www.seminariodosolivais.org*)
- A realização da actividade;
- O desenvolvimento do tema.

TÓPICOS PARA O DESENVOLVIMENTO DE CADA MOMENTO

1.1 Chamado a quê: à vida,

a) Este chamamento é criação actualizada em cada novo ser. Existimos por um acto livre e amoroso de Deus: Deus quer-nos, mas a vida não fica realizada, não fica cumprida, quando começamos a respirar.

b) Deus não nos chama apenas a ser. Existir e existir livremente não é necessariamente inventar-se, é descobrir-se.

1.2 Chamado a quê: à santidade

a) É um chamamento a uma plenitude de Ser, a uma perfeição de ser onde o homem se realiza como imagem de Deus;

b) A vocação à santidade é sempre entendida como uma identificação com Cristo: viver como Ele vive.

1.3 Chamado a quê: à missão

a) O caminho de identificação com Cristo é sempre percorrido no serviço ao próximo, cuidando da sua própria realização/perfeição;

b) Deus, à medida que nos desafia a configurarmo-nos com Cristo, faz-nos aliados dos seus projectos para a salvação do mundo.

2. Quando sou chamado: uma pré-história;

a) Descobrimos que em cada vocacionado há uma pré-história, isto é, a revelação do projecto de Deus a cada um necessita de "terreno" para desabrochar;

b) Essa pré-história situa-se em 1º lugar em Deus (Jr 1,5) e em 2º lugar em nós (nas pessoas que nos rodeiam, nos ambientes em que crescemos – 2 Tim 1, 3).

3. Como sou chamado: é Deus quem escolhe e chama;

a) O chamamento irrompe na vida do crente de um modo que o surpreende. Ele é realizado de modos diversos: sinais/acontecimentos, palavras, pessoas, situações e chamamento directo (acção do Espírito na intimidade de cada um);

b) Podemos dizer, deste modo, que Deus chama em dois lugares: fora de nós e dentro de nós.

4. Para que é que sou chamado: Deus chama para estar com Ele

a) Deus chama para estar com Ele, para a intimidade (Jo 1, 38), onde infunde em nós o dó que Ele tem da multidão. Além da surpresa, o chamamento manifesta a marca de Deus num sentimento novo que é experimentado pelo chamado, um misto de temor e de fascínio;

b) A palavra de Deus vem sempre acompanhada de uma palavra apaziguadora – "Não temas" (Lc 1, 30);

c) Quem não sente este temor é porque se está chamando a si próprio, quem não sente esta paz no meio do temor é porque o seu chamamento não tem origem em Deus.

5. Porque sou chamado: Deus chama porque ama o seu povo.

   a) Posso não saber porque é que Deus me chama a mim e não a outro, mas sei porque é que Deus chama. Chama porque viu a aflição do seu povo e quer enviar alguém para o meio desse povo para abrir caminhos de salvação e de graça;

   b) Deus escolhe alguém para escolher todos quantos pelo seu testemunho hão-de entrar no chamamento de Deus à aliança com Ele. Quem Deus escolhe é a humanidade;

   c) No mistério de cada vocação renova-se, aos nossos olhos, o amor de Deus pela sua criatura, o zelo do Bom Pastor pelo seu rebanho, o cuidado do Pai pelos seus filhos. 

actualização do Mistério Pascal de Nosso Senhor[1]. O altar dedicado, centro do espaço litúrgico e centro da vida da casa, constitui um desafio permanente a que centremos também as nossas vidas na entrega amorosa de Cristo pela redenção dos homens, fazendo como Ele fez.

O grande dia de festa foi a chuvosa terça-feira vinte e quatro de Outubro. Os clérigos formados entre estas paredes foram chegando aos poucos, alegres e desejosos de ver "como está isto agora". Ponto central do dia e de todas as comemorações foi a celebração da Missa, presidida pelo Senhor Patriarca e concelebrada pelos bispos que cá foram alunos ou que cá têm seminaristas actualmente e por centenas de padres de todas as idades e de quase todas as dioceses do país.

O almoço foi ocasião de muitas e animadas conversas, mas a visita à exposição de memórias visuais destes setenta e cinco anos de história conquistou a atenção da maioria dos presentes: nos cartazes que revestem ainda a parede da galeria do pavilhão A, puderam encontrar a fotografia do seu curso ou de alguns colegas e formadores, revisitando com alegria (e saudade) os seus tempos de jovens seminaristas.

A sessão pós-prandial foi aberta pelo nosso Reitor, o Cónego Nuno Brás Martins, dando as boas vindas aos presentes e enquadrando a comemoração na vida concreta e actual do Seminário. Seguidamente, o Cónego José Ferreira, discípulo de Monsenhor

[1] O tampo do altar é o mesmo do antigo altar, dedicado aquando das comemorações dos vinte e cinco anos do Seminário, contendo relíquias de São Redento e Santa Reparata.

Pereira dos Reis, fez a apresentação da obra que o Padre Joaquim Ganhão redigiu sobre o contributo do seu mestre para a reforma litúrgica. O coro do Seminário, dirigido pelo professor João Crisóstomo, foi entrecortando a sessão com peças musicais compostas pelos dois professores de música da casa com maior obra de composição, os Padres Pascal Piriou, SS. CC., e Manuel Luís. Da publicação da obra dispersa deste segundo nos falou o Padre António Cartageno, da Diocese de Beja, também ele compositor sacro com provas dadas. O Reitor da Universidade Católica Portuguesa, Professor Doutor Manuel Braga da Cruz, fez uma conferência sobre o papel preponderante que o Seminário dos Olivais teve e tem na vida da Igreja em Portugal. A sessão terminou com as palavras do Senhor Patriarca, na sua qualidade de antigo aluno, antigo Reitor e actual pastor da Igreja em que o Seminário existe.

O dia de festa contou ainda com o lançamento do número especial da *Novellae Olivarum* dedicado a esta data e dos livros *O movimento Litúrgico em Portugal, o contributo de Monsenhor Pereira dos Reis* e *Cânticos da Assembleia Cristã* (com as melodias do Padre Manuel Luís). Porque os seminaristas que hoje constituem o Seminário dos Olivais não são alheios às maravilhas que a técnica proporciona, também neste dia passou a estar *on-line* na *internet* o novo sítio do Seminário dos Olivais.

Passado o dia 24 de Outubro, a vida quotidiana no Seminário tem incluído alguns outros momentos de festa que nos marcaram. Entre eles está a comemoração dos 75 anos da presença da Congregação dos Padres dos Sagrados Corações em Portugal, vindos expressamente para assumirem a formação no novo Seminário, e que

permanecem entre nós assumindo com convicção algumas missões particularmente difíceis. Também esta festa foi presidida pelo Senhor Patriarca, contando com a presença do superior maior da Congregação, do superior de Portugal, de alguns padres e muitos outros amigos.

No dia catorze de Fevereiro a comunidade foi visitada por alguns dos padres ordenados durante a década de 1960 e no dia vinte e um de Março pelos da década seguinte. Ambos os grupos concelebraram a Missa, jantaram e estiveram ao serão, partilhando alguns acontecimentos da sua vida enquanto seminaristas e as suas experiências muito variadas de exercício do ministério de padres diocesanos. Para os próximos meses aguardamos a visita de padres ordenados mais recentemente e um (o primeiro) encontro geral de antigos alunos do Seminário.

Não posso dar por terminada esta notícia acerca das festas de aniversário do Seminário sem deixar de dar conta do muito material histórico que nestes meses tem sido consultado (crónicas do Seminário, fotografias, números antigos da *Novellae Olivarum*, partituras de música sacra, ...). Todas estas memórias do que esta casa tem sido nos interrogam e desafiam a assumirmos hoje a responsabilidade de tentarmos não repetir opções por critérios que se provaram desadequados, nem assumir uma postura de arqueologismo, mas actualizarmos o que de bom aconteceu no passado.

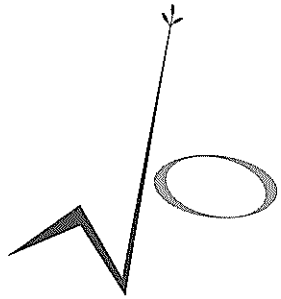
Termina esta notícia com a transcrição de um excerto de texto do punho do então seminarista Henrique de Noronha Galvão:

Em primeiro lugar as comemorações destes vinte e cinco anos, passados a realizar um sonho e a ver cumprida uma promessa, encheram a nossa casa de cerimónias augustas, de pessoas ilustríssimas, de festas solenes, de assistências numerosas.

Esta invasão, contudo, longe de nos arrancar a nós mesmos, de nos dispersar roubando-nos para muitas e absorventes coisas, restitui-nos, pelo contrário, a nós próprios. Por ela conhecemos a razão da existência deste Seminário; ou, melhor, sentimos como a casa em que vivemos vive de uma história gloriosa e para um fim glorioso.

Quem, para lá destas paredes e destas árvores, não descobre Alguém de espírito gigante e paternalmente bondoso, decerto é porque ainda não lhe mediu o valor e o significado[2]. 

[2] Noronha GALVÃO, *Crónica*, in *Novellae Olivarum* XIV (1956) 224.



REVISITANDO A (PRÉ)HISTÓRIA DA *NOVELLAE OLIVARUM*

Diác. Carlos Silva

Ao folhear a revista, cheguei à página 60, e vi a referência ao seu primeiro número, datado de Janeiro de 1943. Antes, na página 57, tinha visto a referência à falta de fonte de informação sobre o período entre Setembro de 1937 e Fevereiro de 1939. No princípio desse período, eu estava lá. Estava no quarto ano de teologia que interrompi em 1 de Janeiro de 1938.

Pois bem. No ano de 1937, por inspiração do Pe. Victor Cadillac, entretanto ausente, e iniciativa do quartanista, mais tarde Pe. António Antunes Trincão, foi criada uma publicação, produzida a "stênsil" numa máquina de manivela. tinha o título de "Novellae Olivarum". Nesse ano, dois dos fundadores da actual revista, José Honorato e Onofre, entraram nos Olivais, no primeiro ano de filosofia. Ambos me estimavam e eram apreciadores das minhas excentricidades. Eram dois pares de olhos penetrantes, duas inteligências fulgurantes.

Não julgaram pertinente considerar-se continuadores da anterior iniciativa, que a seus olhos talvez parecesse troglodita, tão rapidamente corria esse tempo movido pelas necessidades da guerra. O título adoptado, porém, já vinha de trás, desse tempo que não ficou na história.

António Joaquim Mendes Cerejo

(aluno do Seminário dos Olivais de 1932 a 1 de Janeiro de 1938)

Os parágrafos que acabamos de citar fazem parte da mais surpreendente reacção ao número da *Novellae Olivarum* dedicado ao 75º aniversário do Seminário dos Olivais. Pela "Memória Histórica" que o senhor António Cerejo nos enviou, ficámos a saber que, antes da *Novellae Olivarum*, houve outra *Novellae Olivarum*!

Ao conselho de redacção pareceu indispensável que o presente número da revista trouxesse à luz o que se conseguisse apurar sobre essa primeira publicação... Mas como começar? Na biblioteca do Seminário não se encontrou qualquer exemplar desta publicação... No arquivo da revista também nada se descobriu... Mas eis que surgem num depósito de números antigos, algures no pavilhão B, duas pastas contendo números de *Novellae Olivarum* anteriores a 1943!

A sua leitura levou-nos ao ambiente da casa nos primeiros anos de utilização do pavilhão A. Sabemos assim que existiram entre os seminaristas duas instituições distintas: a Associação do Santo Condestável e a Academia de Santo António. A primeira era de cariz desportivo e teve um grande número de secções (pelo menos *Foot-ball*, *Basket-ball*, *Volley-ball*, *Crozet*, *Ring-tennis*, Chinquilho, Natação, Jogos de sala, *Seew-tennis*, Jardinagem e Ciclismo).

Entre as actividades da Academia surgiu a publicação da *Novellae Olivarum*, uma pequena revista, reproduzida e ilustrada à mão por "copígrafos e desenhistas" a quem a redacção repetidamente agradece a colaboração. Porque o órgão oficial não esgotava a acção desta agremiação, recorremos à apresentação que a respectiva Mesa dela fez:

> *Esta nossa instituição, fundada com a aprovação dos Reverendos Superiores, e orientada pelo espírito do Estatuto do seminário [...] pode com razão ser considerada um triunfo sôbre a nossa apatia e individualismo.*
>
> *Reconheceram alguns seminaristas a necessidade duma organização de carácter cultural com o fim de criar, desenvolver e aperfeiçoar a curiosidade intelectual, o espírito de observação e outros bons hábitos, num ambiente elevado e de franca familiaridade. Por isso, se uniram e a fundaram.*[1]

Entre Maio de 1936 e 1 de Dezembro de 1941 terão sido produzidos 22 números (embora não se tenham encontrado os números 10, 13, 17 e 18), tendo como redactores principais José Remelhe, Anacleto Pires da Silva Martins, Gomes dos Santos, Moreira de Andrade Onofre e Luiz Augusto de Oliveira Mendes. Os conteúdos da revista eram produto da acção cultural dos sócios da Academia, indo de artigos históricos a poesias (algumas da pena do seminarista Cerejo), de comentários litúrgicos à página humorística do "Chinfrim". Desde Outubro de 1940, a ficha técnica inclui a nota

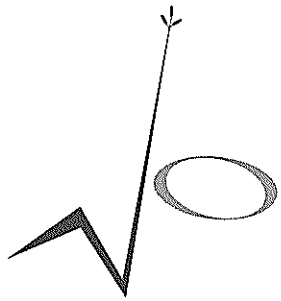
[1] A MESA, *Academia de Santo António*, in *Novellae Olivarum* 2 (1936).

"visado pela censura". Os números 5 a 9 (Novembro de 1937 a Junho de 1938), talvez por penúria de meios ou de colaborações, são uma única folha grande, dobrada ao meio e com poucas ilustrações.

Do ano de 1942 conservam-se sete números, dactilografados e reproduzidos por stênsil, com as ilustrações reduzidas à capa. Nestes exemplares nota-se que a publicação ganhara corpo institucional: passara a ter director, redactores e administrador, cargos que são atribuídos a João Ferreira, José Correia de Sá, José Correia da Cunha, J. Honorato Rosa, L. A. Oliveira Mendes, Andrade Soares Onofre, C. Correia e Carlos Miranda. Como a numeração é independente da anterior, trata-se aqui de uma segunda série, estágio preparatório da edição impressa que se iniciaria em Janeiro do ano seguinte.

Para reposição da verdade e homenagem aos muitos seminaristas que ao longo destes setenta e um anos colaboraram nos mais de duzentos e cinquenta números das diferentes séries da *Novellae Olivarum*[2], aqui fica esta memória.

[2] Primeira série (manuscrita): 22 números, de Maio de 1936 a Dezembro de 1941. Segunda série (dactilografada): 8 ou 9 números, de Janeiro a Dezembro de 1942. Primeira série impressa: 176 números, de Janeiro de 1943 a Maio de 1961. Segunda série impressa: 8 números, do 1º trimestre de 1965 ao 4º trimestre de 1966. Terceira série impressa (intitulada *A Palavra e o Tempo*): 7 números, nos anos 1967 e 1968. Quarta série impressa: 34 números, de Dezembro de 1981 a Abril de 2007.



CRÓNICA

Diác. Carlos Silva

[N. b.: Por estar o fio da crónica suspenso em Janeiro do ano passado, certamente este texto será longo. Confiando na paciência dos nossos leitores, deitemo-nos ao relato.]

Ano 2005/2006

Ao longo dos dois últimos trimestres, muitos foram os convidados que, em serões de quarta-feira, nos ajudaram a melhor conhecer o mundo em que habitamos[1].

No dia sete de Janeiro, o Padre João Marcos pregou-nos uma recolecção sobre 'a nossa relação com os irmãos', alicerce e essência da vida comunitária. No dia seguinte, Solenidade da Epifania, o Seminário deslocou-se a Santarém para a tão aguardada ordenação do Padre Arlindo Jorge, seminarista da casa até ao ano transacto; a

[1] O secretário da Nunciatura Apostólica em Lisboa, Mons. Jean-François Lantheaume, o Bispo de Coimbra, D. Albino Cleto, o casal Maria Gabriela e Joaquim Vilas Boas, o Dr. Luís Nobre Guedes, o Padre João Nogueira, o Dr. Mendo Castro Henriques, o Padre Joaquim Ganhão e o Cónego José Ferreira.

celebração foi presidida pelo Senhor D. Manuel Pelino Domingues, estando a Sé escalabitana cheia de cristãos felizes por mais este filho de Deus ser chamado a assumir a missão de ser "sacramento" de Cristo Bom Pastor.

Na noite do dia dez de Janeiro, já fora do Tempo do Natal, fomos cantar as Janeiras à Casa Patriarcal, sendo, como habitualmente, acolhidos com muita amizade por todos os seus habitantes.

A Solenidade de São Vicente, padroeiro do Patriarcado, foi mais uma vez marcada pelo desafio de nos colocarmos no âmago da vida desta Igreja que está em Lisboa: o nosso Reitor foi instituído Cónego nas primeiras Vésperas. Na manhã do dia seguinte, regressámos à Igreja-Mãe da Diocese para celebrarmos com o nosso Pastor a Eucaristia, que é o coração da Igreja.

A primeira parte do Tempo Comum deste ano foi ainda pontuada pela visita que o Senhor Bispo de Santarém nos fez no primeiro dia de Fevereiro, presidindo à celebração eucarística nessa tarde, e pela visita à exposição comemorativa da passagem de meio milénio sobre o nascimento de São Francisco Xavier, patente na antiga Cordoaria Nacional.

O tempo quaresmal começou no primeiro dia de Março, com a Missa na Sé, presidida pelo Senhor Patriarca, a que se seguiu o início do retiro anual da nossa comunidade. Este foi-nos pregado pelo Padre Virgílio Antunes, do presbitério da Diocese de Leiria-Fátima, que nos foi sugerindo a descoberta e o aprofundamento da relação recíproca que existe entre Deus e cada um de nós.

Como habitualmente, o retiro terminou no primeiro Domingo da Quaresma, dia em que também se iniciaram as Catequeses Quaresmais do Senhor Patriarca na Sé, antecedendo a oração das seguncas Vésperas. O nosso Pastor escolheu para tema geral destes seus ensinamentos a frase de São Paulo: "A caridade é a plenitude da Lei". Com este mote, foi reflectindo a supremacia da caridade na legislação, na unidade entre amor a Deus e aos homens, na predilecção pelos pobres, no amor familiar, na promoção da vida e na verdade.

No dia vinte de Março rodámos até Caparide, pois o Seminário de São José festejava o seu padroeiro. A festa viveu-se – tal como a fidelidade quotidiana deverá ser vivida – na comunidade alargada de clérigos, seminaristas, professores, outros colaboradores, familiares e benfeitores.

Seis dias depois, no Domingo *Laetare*, o nosso Seminário abriu as suas portas aos muitos familiares e amigos que quiseram vir participar na festa das famílias e na celebração eucarística em que o Senhor Patriarca instituiu o Abel Mateus, o Daniel Almeida, o João Gonçalves, o João Vergamota e o Marcelo Boita no ministério de Leitor e o Carlos Silva, o Duarte Guerra Pinto, o Filipe Sousa, o João Sobreiro, o Marco Bernardino, o Rui de Jesus e o Valter Malaquias no ministério de Acólito. Nesta celebração, em que parte significativa da comunidade foi chamada a assumir a verdade da caminhada que vai fazendo para o sacramento da Ordem, o Senhor Patriarca chamou-nos a atenção para a especificidade da assembleia celebrante que formámos: o que de melhor há na nossa sociedade, pois somos pessoas que procuram escutar a voz do Senhor e responder-Lhe com a vida.

No dia trinta e um de Março tornámos a reunir-nos em família seminarística, desta feita no Seminário de Nossa Senhora de Fátima em Caneças. O dia foi de grande e muito esperada festa: pela primeira vez, o Seminário Redemptoris Mater de Lisboa apresentou seminaristas ao ministério do leitorado. Foram seis os instituídos, todos colegas nossos na universidade, do quarto ano da licenciatura em diante.

A última semana antes das férias da Páscoa foi marcada por alguns momentos que ajudaram a comunidade a centrar-se no essencial: a Celebração Penitencial, a avaliação do trimestre e a Missa de preparação da Páscoa, celebrada na comunidade académica da Universidade Católica. Assim se chegou rapidamente ao dia em que cada um partiu, para nos voltarmos a encontrar poucos dias depois em torno dos altares das nossas Igrejas Catedrais para celebrarmos os mistérios centrais da nossa fé.

Regressados pouco antes, no primeiro dia de Maio fizemos o passeio do Seminário. Acolheram-nos as Monjas de Belém no seu Mosteiro, onde as nossas duas comunidades se fizeram uma para celebrar a Páscoa do Senhor nessa linda segunda-feira. O Padre Rui Rosmaninho guiou-nos depois pela Serra da Arrábida e pela cidade da foz do Sado, antiga vila de pescadores com muito a descobrir.

No sábado seguinte estivemos em recolecção, dispondo os corações de quantos formamos o Seminário a viverem a vida como resposta aos desafios do Senhor.

O serão do Domingo da Ascensão do Senhor foi diferente dos outros: encontrámo-nos no auditório e alguns de nós puseram em

comum expressões artísticas que nos falam da Salvação oferecida na Páscoa de Jesus Cristo.

Oito dias depois, na Sé, celebrámos o Pentecostes presididos pelo Senhor Patriarca, que visitou o Seminário na sexta-feira seguinte, conversando com todos os seus seminaristas, e admitindo às ordens sacras os quintanistas que instituíra em Março.

Entre o fim da Primavera e o início do Verão, a Igreja de Lisboa viveu três momentos particularmente importantes para realizar a comunhão em torno do seu pastor: o Dia da Igreja Diocesana (a dez e onze de Junho), a Solenidade do Corpo de Deus, em que a celebração vespertina na praça do Município reuniu milhares de pessoas que não desmobilizaram apesar da chuva, e a ordenação dos Padres Alexandre Palma, José Miguel Ramos e Tiago Neto no dia dois de Julho na Igreja dos Jerónimos.

Estando a comunidade já completamente de férias, no dia seis de Agosto na Sé de São Tomé e Príncipe, o Padre João de Ceita Nazaré foi ordenado por D. Abílio Ribas. O Seminário esteve presente na pessoa do Reitor e de dois seminaristas.

Ano 2006/2007[2]

Passadas as férias estivais, o Seminário reabriu no dia vinte e um de Setembro. Os primeiros dias foram preenchidos por encontros dos que formamos a comunidade: reuniões formais e a recolecção pregada pelo Padre João Marcos, mas também conversas onde se

[2] Os acontecimentos associados à comemoração dos 75 anos do Seminário foram já relatados em artigo próprio.

descreveram os acontecimentos mais ou menos aventurosos do período de descanso (pelo menos oficial) que terminara. No Domingo seguinte fomos a Arranhó participar na Missa em que o Padre Rui Pedro Carvalho iniciou a sua missão de pároco. Depois do generoso almoço de festa, extasiámo-nos com a beleza das Igrejas de Aldeia Galega da Merceana e da Merceana. O dia terminou com a oração de Vésperas no Seminário, uma vez que a intempérie afastara a hipótese de as rezar na Serra de Montejunto. No dia seguinte, a comunidade retomou também os ritmos de estudo e de canto.

Os Padres Michael Valiyamurathankal e Jacob Puthiyaparampil, da Diocese indiana de Palai, começaram este ano connosco, inserindo-se simultaneamente na língua lusa e na Igreja olisiponense.

Ao longo deste ano temos sido visitados por inúmeras pessoas que nos trazem, além de diversas informações interessantes, o seu testemunho de cristãos[3].

Convidada pelo Senhor Patriarca, a Igreja de Lisboa reuniu-se para celebrar o aniversário da Dedicação da Sé na noite do dia 25 de Outubro. Fomos muitos os que pudemos experimentar que a Igreja de Lisboa a que pertencemos "é um templo em construção, através da profundidade da nossa fé, a verdade das nossas celebrações, o testemunho da caridade fraterna e o ardor missionário pela evangelização", como nos disse o Senhor Patriarca.

---

[3] Até à Páscoa tivemos o prazer de ouvir o jornalista Joaquim Franco, a Doutora Maria Manuela de Carvalho, a Irmã Lucília Gaspar, SNSF, o Doutor Américo Pereira e o actual secretário da Nunciatura Apostólica em Lisboa, Mons. Roberto, que presidiu à celebração da Missa no dia sete de Março.

Ainda como marco de início de ano lectivo, no dia seguinte participámos na Missa das universidades na Igreja de São Vicente de Fora, acontecimento polarizador daquilo que a Igreja vai fazendo (institucionalmente) no mundo universitário lisboeta.

Entre os fins de Outubro e o início de Novembro decorreu na cidade de Bruxelas a quarta sessão do Congresso Internacional para a Nova Evangelização. Um grande número de seminaristas participou nesta semana de 'missão em terra estrangeira', tendo trazido da Bélgica inúmeras experiências vividas numa sociedade em que a secularização é uma realidade há muito tempo.

No sábado, dia onze de Novembro, as comunidades dos quatro Seminários do Patriarcado reuniram-se em Penafirme para o tradicional 'magusto dos seminários'. À missa matinal sucederam-se outras ocasiões de convívio daqueles que fazem caminho de descoberta e entrega ao Senhor da Messe. Esta actividade serviu de antecâmara à Semana dos Seminários que se iniciou no dia seguinte.

No sábado vinte e cinco de Novembro a comunidade esteve em recolecção, pregada pelo Padre Luís Alberto. A recolecção encerrou-se com a oração das primeiras Vésperas da Solenidade de Jesus Cristo Rei e Senhor do Universo, título do Seminário.

O primeiro Domingo do Advento ficou assinalado pela ordenação diaconal do Carlos Silva, do Duarte Guerra Pinto, do Filipe Sousa, do João Sobreiro, do Rui de Jesus e do Valter Malaquias. Presidiu à celebração o Senhor Patriarca, acontecendo ela na Igreja dos Jerónimos. Dois dias antes, um bom número de cristãos reunira-se na Sé Patriarcal para rezar com estes rapazes pela sua resposta ao Senhor.

Na sexta-feira seguinte, celebrámos a Padroeira de Portugal com Missa de manhã na Sé e de tarde no Seminário de Peafirme, ambas presididas pelo nosso Patriarca.

O período lectivo chegou ao fim marcado pela revisão comunitária do trimestre e pela festa de Natal.

A Solenidade do Natal foi vivida pelos seminaristas nas suas Dioceses. Mais uma vez, estas celebrações presididas pelos nossos Bispos foram ocasião de concretização do nosso amor à Igreja na Diocese a que pertencemos.

Regressados ao Seminário havia poucos dias, rumámos a Torres Novas na noite do quinto dia de Janeiro, para rezarmos por quem na Diocese escalabitana se preparava para o ministério diaconal. No Domingo da Epifania, o Senhor Bispo de Santarém, D. Manuel Pelino Domingues, ordenou Diáconos o Pedro Dionísio e o Ricardo Conceição[4], completando o grupo de finalistas que este ano o Senhor chamou ao seu serviço no ministério da Palavra e da Caridade.

No dia treze de Janeiro, o Padre Luís Alberto exortou-nos a actualizar nas nossas vidas o que aconteceu aos magos - "regressaram à sua terra por outro caminho". Este dia de recolecção ajudou-nos a 'tomar balanço' para o trimestre preenchido de provas escolares e decisões vocacionais que começávamos.

Celebrámos o mártir padroeiro do Patriarcado a vinte e dois de Janeiro. Nesse fim de tarde, a Sé foi o espaço em que esta Igreja

[4] Com estes foram ordenados o Diácono Mario Taglialatella e o Padre Tiago Moita, antigos alunos do Seminário de Almada.

lisbonense, na variedade dos ministérios e carismas que a constituem, se congregou, uma vez mais, em torno do seu Bispo para celebrar a fé que nos anima.

No dia seis de Fevereiro começaram as obras de adaptação do pavilhão B do Seminário para a instalação da Conferência Episcopal Portuguesa.

Como que preparando o tempo quaresmal, fomos ao cinema ver o filme *O Grande Silêncio*, realizado na Grande Cartuxa de Grenoble. Este document(ári)o visual tocou-nos pelo realismo com que os seus planos quase silenciosos transmitem a sublimidade indizível das vidas entregues a Deus.

A Quaresma iniciou-se, de facto, a vinte e um de Fevereiro, com Missa na Sé presidida pelo Senhor Patriarca e concelebrada por todos os bispos auxiliares e por muitos padres. Aos Domingos, num costume que vai agora no seu décimo ano, a mesma Igreja-Mãe tem-se enchido para a oração de Vésperas, precedida das Catequeses Quaresmais do Senhor Patriarca. Este ano o nosso pastor fala-nos das *Razões do nosso acreditar*, tendo presente a tensão em que a Igreja vive: amar o mundo sem se identificar com ele, mantendo "a capacidade de surpreender, rasgando caminhos para a surpresa da fé e da esperança".

Na primeira semana da Quaresma, a comunidade (todos os padres e seminaristas) saiu do Seminário e, instalando-se na Casa de Espiritualidade do Turcifal, fez retiro. Nestes dias, D. Anacleto Oliveira convidou-nos a meditar prolongadamente alguns salmos; textos que fazem parte do nosso programa diário de oração e nos desafiam a vivermos mais intensamente o amor incondicional que Ele é.

Na Festa da Cadeira de São Pedro, Sua Santidade o Papa Bento XVI nomeou D. Manuel Clemente Bispo do Porto. A notícia deste acontecimento, que é muito mais que humano, requereu um acolhimento de fé: as saudades que a pessoa do penúltimo reitor desta casa deixa entre nós exigem muito à certeza de que na comunhão em Cristo as distâncias físicas são pouco importantes. Nas suas palavras no fim do jantar que se seguiu à celebração de acção de graças pelo seu ministério episcopal, no Mosteiro de São Vicente de Fora no dia catorze de Março, D. Manuel realçou a verdade do rosto do Bom Pastor nos rostos de quantos bispos, padres e diáconos O fazem presente nas suas vidas aqui na Diocese. Assistimos, assim, à sua partida para terras portucalenses reforçados na certeza de que é uma graça de Deus podermos fazer a experiência do amor de Jesus Cristo na Igreja, onde quer que ela se concretize.

Na tarde do dia seguinte, o Senhor Patriarca veio ao Seminário presidir à celebração da Eucaristia e conceder ministérios a nove seminaristas. Foram instituídos Leitores o Abílio Lucas, o Adriano Cabral, o Carlos Pinto e o Ricardo Ferreira. Os novos Acólitos são o Abel Mateus, o Daniel Almeida, o João Gonçalves, o João Vergamota e o Marcelo Boita. Na homilia o Senhor Patriarca exortou-nos a sermos verdadeiros ouvintes da Palavra, nós que tantas vezes nos encontramos cercados por ela. O grande número de padres, familiares e amigos, bem como a presença dos nossos companheiros dos Seminários de São José e Redemptoris Mater ajudaram a desvelar a eclesialidade destes passos de entrega feliz às missões a que vamos sendo chamados pelo Senhor.

Sicut novellae olivarum!